

2

A cena simbólica do cosmo: céu e terra

Se, para Humboldt, dominar a matéria, i. e., “o mundo dos fenômenos físicos” (*die Welt physischer Erscheinungen*) exige, basicamente, deter-se num “ponto de vista” (*Standpunkt*) elevado, a partir do qual o homem é suspenso a um olhar de cima da paisagem, a denominação de “pintura da natureza” (*Naturgemälde*) que nos é dada na primeira parte do *Kosmos* não deixa dúvida: para ele, descrever uma “visão geral dos fenômenos” (*Allgemeine Übersicht der Erscheinungen*), objetivo de uma *Naturgemälde*, significaria designar o lugar de onde o universo pudesse ser percebido em seu conjunto, em suas duas esferas, a dos céus e a do mundo terrestre:

Quando o espírito humano (*der menschliche Geist*) atreve-se a (*sich erkühnt*) dominar (*zu beherrschen*) a matéria (*die Materie*), isto é, o mundo dos fenômenos físicos (*die Welt physischer Erscheinungen*), quando, pela apreciação reflexiva (*denkender Betrachtung*¹) do ente (*Seienden*), ambiciona penetrar a rica plenitude da vida natural (*die reiche Fülle des Naturlebens*) e o reino das forças livres e subordinadas (*das Walten der freien und der gebundenen Kräfte*), então ele se sente elevado a uma altura (*so füllt er sich zu einer Höhe gehoben*²), a partir da qual, num horizonte que vibra ao longe, o singular, distribuído apenas em grupos, lhe aparece do alto como que envolvido por um suave aroma. Esta expressão imagética (*Dieser bildliche Ausdruck*) é escolhida para caracterizar o ponto de vista (*Standpunkt*) a partir do qual tentamos aqui apreciar o universo (*das Universum zu betrachten*), de modo que possamos apresentá-lo com clareza (*anschaulich darzustellen*) em suas duas esferas, a celeste e a terrestre. A ousadia de uma empresa como essa, não a nego. Entre todas as formas de apresentação (*Formen der Darstellung*) às quais estas páginas são dedicadas, o esboço (*der Entwurf*) de uma pintura da natureza é tanto mais difícil por não dever sucumbir ao desdobramento da variedade multiforme, devendo nos demorar, sim, somente frente às grandes massas separadas que sejam, na realidade ou no âmbito subjetivo das idéias (*subjektiven Ideenkreis*)³.

Essa passagem aborda, de saída, duas situações. Uma que se passa, meramente, com o “espírito humano” quando ele “se atreve” então a conhecer,

¹ Traduzir-se-á *Betrachtung* por “apreciação” pois há, no contexto dessa citação, uma simultaneidade entre a fruição estética e a inquietude mental.

² *Gehoben* é elevado e corresponde ao adjetivo e substantivo *erhaben* e *Erhabenheit* que expressam o sublime. Márcio Suzuki menciona isso em uma nota em SCHELLING, F. W., 2001, p.174.

³ HUMBOLDT, A., 1978, p. 47.

mostrando pensamento e matéria unidos pelo denominador comum de um grande distanciamento físico do real. Nessa situação, o espírito orientado no seu modo de intuição põe sobre a “matéria” e o “mundo dos fenômenos físicos” a qualidade do espaço e do tempo, de acordo com a qual os representa e procura-os situar em um conceito. Nela ainda está o “espírito humano”, entrando em ascese com forte acento ético, atrevendo-se a conhecer, sim, mas sob a condição de localizar o sensível com relação ao inteligível. Estranharia o desdobramento dessa direção quem reparasse que, no domínio da matéria objetiva, há também reflexão e espelhamento. Humboldt certamente espera que a “visão geral dos fenômenos” não se restrinja a uma mimesis documentalizadora, objetiva e terrena, mas que expresse e dê vida a um fato interior, posicionando o leitor no meio da consciência do mundo. Para tanto, sua ciência não se dispõe a buscar informações estritamente objetivas, mas a impor algo da ordem do subjetivo ao regime dos fenômenos e vice-versa. Não se pode afirmar que a ciência humboldtiana considere o trabalho científico uma mera aplicação de métodos, tampouco se tratar de uma rígida formalização de dados perceptivos. A simples faceta de localização em que o “espírito humano” alcança alturas manifesta uma vertente simbólica do “singular” (*das Einzelne*). Avistado do alto, ao longe, ele “aparece como que” suavemente abrigado na esplêndida diversidade física de uma Natureza, ainda, encantada.

Há, notoriamente, a questão da imaginação na apresentação do singular “distribuído em grupos”, há também uma vontade de sensibilizar a ciência pela forma de apreciação em conjunto do céu e da terra, e do comportamento secretamente existente entre eles. Humboldt cria efeito espiritual por meio da ação sensível de “caracterizar” um modo elevado de ver a Natureza. Toda a maneira de aproximar-se do fenômeno, proposta em tal passagem, torna íntimo para o espírito a grandeza, a plenitude, a liberdade da Natureza.

Na outra situação da passagem recém-abordada, o “singular”, real e empírico, mesmo avistado do alto, é recebido pela nossa sensação com a fisicalidade característica de outro sentido que nos penetra muito mais fisicamente, o olfato (lembrem-se do “singular” que “aparece do alto como que envolvido por um suave aroma”). Seguindo os passos da *Estética* e da *Analítica Transcendental*, tem-se junto a uma “intuição empírica” de um “objeto indeterminado”, para o qual Kant atribui a noção de “matéria” do fenômeno, uma

“intuição pura” sobre o nosso modo de pensar a “forma” dos fenômenos⁴. Nessas duas situações as condições transcendentais do conhecimento estão *encenadas*, i. e., nosso modo de pensar e intuir os fenômenos. A “expressão imagética” usada no texto humboldtiano sugere a representação de uma cena para o cosmo, vista sob determinada perspectiva. O “espírito humano”, tal como Humboldt o põe, é capaz de conhecimento, de ciência, pelo concurso da sensibilidade e do entendimento. E é capaz ainda de celebrar a indissociabilidade entre corpo, real e mente.

O mundo adquire valor expressivo de fenômeno e manifesta, todavia, a latente importância não só do olhar (leia-se pensamento e intuição), mas de outros sentidos na determinação dos tipos de relação criado entre pensamento, intuição e real. Numa acepção específica, inclusive, torna viável o conhecimento graças às faculdades (aqui já apontadas) que o “espírito” possui de pensar e intuir, com a ênfase sobre a possibilidade humboldtiana de encenar a origem intuitiva de sua moderna acepção.

Onde, pois, as pretensões do entendimento são capazes de indicar *a priori* as condições de possibilidade de todas as coisas que ele pode conhecer, a mesma coisa ocorre ao “espírito” em Humboldt, com a diferença que este é capaz de pensar o salto do sensível no caminho de uma realidade imponderável, como se o “espírito humano” pudesse afirmar realidades transcendentais aos fenômenos.

Resta perguntar de que maneira o “espírito” põe-se a pensar e “encadeia o sensível ao não-sensível?” Seria a mera artimanha de localização do “ponto de vista” (*Standpunkt*) responsável por levar a matéria a transcender sua própria singularidade e a afirmar da aparência das coisas físicas, “as forças livres e subordinadas (*der freien und der gebundenen Kräfte*)” que se movimentam e vivem no âmbito geral da Natureza? Na “expressão imagética”, usada acima, desponta a idéia de que o interesse pela matéria, e pelo movimento vivo dos fenômenos físicos, não é um simples ato de convergência entre o real e o ideal em que o espírito teve estabelecido sua verdade prosaica e mesmo (já) histórica. A ciência e a estética, na linhagem de pensamento filosófico que estamos privilegiando, serão, na passagem do século XVIII ao século XIX, as etapas de uma busca interminável de fusão entre o espírito e a Natureza. A qualidade

⁴ KANT, I., 1994, p.62 (Primeira parte, ¶1).

particular da ciência em Humboldt é um exemplo salutar dessa busca. “A ciência”, ele profecia, “é o espírito, voltado para a natureza” (*zugewandt zu der Natur*). O mundo exterior existe, porém, apenas para nós, quando nós o absorvemos, quando ele se forma para nós através de uma intuição da Natureza. Do mesmo modo então que são misteriosos e inseparáveis o espírito e a língua, o pensamento e a fértil palavra para nós próprios, como que inconsciente, o mundo exterior se junta com o íntimo do homem, com o pensamento e o sentimento”⁵. O que distingue a ciência de Humboldt, sob esse aspecto, terá que ser algo mais específico – nomeadamente, o mistério do mundo exterior e do espírito. Premente que seja a vontade de caracterizá-la, a verdade é uma só: a ciência humboldtiana representa uma língua universal do espírito; nela o espírito substantivou-se, passou a ser fator intrínseco à investigação científica. Esgotaremos em vão nossas caracterizações se não percebermos a união harmônica entre espírito e mundo exterior na ciência de Humboldt. Ela manifesta que o lema desta ciência é a linguagem, e que, sem dúvida, ainda é preciso demonstrá-la.

Aqui, somos levados a acompanhar um pouco da reflexão de Luiz Costa Lima em *Mímesis: Desafio ao Pensamento*⁶. Na análise do “sujeito da apercepção transcendental” que é a consciência geral de si, a representação simples dada intersubjetivamente, Costa Lima observa:

Kant (...) introduz, embora não fale a palavra, a presença do simbólico, i. e., de algo da ordem do intelectual que, entretanto, se perfaz no material e nele se configura. O aparato transcendental, primeira manifestação da presença da capacidade de engendramento do simbólico, simplesmente substitui o que em Descartes era a centelha do infinito qualitativo pela necessidade de recorrência ao material (grifo nosso)⁷.

Nossos conceitos do entendimento sofrem assim um drástico redirecionamento, pois só às custas da experiência possível se torna essencial agora depurar ou simplesmente suprimir a relação entre intuição intelectual, pensamento formal e nexos intuitivos da matéria. Levando isso para o trabalho do cientista-naturalista, que se encarrega de revelar as pulsações mais íntimas entre o empírico e o inteligível no campo da ciência, a razão – com sua característica

⁵ HUMBOLDT, A., 1978, p. 44.

⁶ COSTA LIMA, L., 2000, p. 71 passim.

⁷ Ibid., p.105.

inquietação para as questões metafísicas – e o fenômeno se junta agora à “necessidade de recorrência ao material”, e passam a endereçar, tanto ao terreno da ciência quanto ao da estética, a capacidade de a linguagem criar uma identidade vertical entre o conceito e a intuição. Mas, entretanto, de que modo essa identidade se viabilizaria?

Considere-se, desde logo, a inexistência de um pensamento puramente formal na ciência humboldtiana, que estivesse pronto para tratar das condições de possibilidade do conhecimento das leis da natureza. Aquela identidade representacional entre conceito e intuição tem particular importância para nossa questão: como parte do mundo, o “espírito” recria uma vinculação com a Natureza. Sem ter consciência do que fazia, Humboldt afirmava a importância da experiência e da razão como arbitrária motivação para intuições mais elevadas. Veja-se, portanto: por trás de toda uma idéia de ciência visa-se alcançar um meio que leve o leitor empírico a acompanhar um tipo de saber verbal que adota tudo “que é grande e belo”, essa ciência, inspirada na *Naturphilosophie*, espécie de língua vernácula nesse meados do século XIX.

A idéia de ciência em Humboldt encarna a idéia de um caminho estabilizador ou mantenedor da totalidade. Dá indícios de que podemos nos servir de imagens que, por nunca ferirem nossos sentidos, tampouco desestabilizam as idéias a que nos expomos junto aos fenômenos. Ciência que começa e acaba em imagem, deixando entrever alguma coisa no lugar de só demonstrar analiticamente, constituindo algo que existe e se dissolve em sua própria aparição, plenamente visível. Aparências que nunca nos enganam porque são mediadas por um olhar que, ao invés de captar passivamente “o desdobramento da variedade multiforme”, é impelido a uma tomada de posição no mundo. Essa sua posição, efetivada mediante a altura vertical do “espírito”, leva o observador a sucumbir, no “âmbito subjetivo de idéias”, os detalhes e a aparência física das coisas. Dispõe-se, assim, de um perspectivismo cíclico e conciliador, síntese entre o visto objetivamente e o entrevisto, inalterável acesso subjetivo à universalidade. Perspectivismo este que dá a própria forma cosmológica que a ciência humboldtiana ambiciona: integradora, totalizante e unificadora do celeste com o terrestre, do interno com o externo.

Decerto, aqui, se coloca um problema que depende de uma definição mais rigorosa do conceito de Natureza, qual seja, o de como ela aparece à ciência. O

exposto da Natureza através do *Standpunkt*, i. e., a “rica plenitude da vida natural”, só é visível na medida em que, paradoxalmente, é intuível. Isto porque há uma identidade profunda e essencial entre a concreção da “matéria” (*die Materie*) e a Natureza invisível apenas intuída, constante nas aparicões da natureza sob a vista cósmica. Então, o conceito de Natureza para a ciência humboldtiana é o que é imgeticamente visível e, sobretudo, o que é escondido e dissolvido na aparição. Só deste modo as imagens tornam-se verdadeiras, vivas como as sentimos; sendo real estritamente em nossa percepção delas.

E o que mais importa: representado a nós pelo pensamento, o conceito de Natureza verdadeira nós é igualmente referido pela apresentação do simbólico⁸. Aí está a força da linguagem, conseguindo transmitir a intuição mais elevada e viva, conseguindo animar de imediato o mundo de formas da imaginação, criando um efeito de plenitude, do qual se produz o fundamento de uma ilusão de que tudo que se passa diante de nossos olhos é perfeito. Portanto, concluimos, nada disso é dado de antemão. A ciência humboldtiana necessita do conceito, justamente porque o conhecimento teórico não opera com juízos subjetivamente enraizados, expõe conceitos gerais e universais com o máximo objetivismo sem, todavia, eliminar a coerência intuitiva que se “perfaz no material⁹”. A ciência humboldtiana precisa ainda de uma linguagem mediadora que nada tem a ver com a lei formal, algo já posto de fora. Nela, o conceito percorre estágios, aprende com a experiência. Se há uma lei, ela lhe é desvelada aos poucos no movimento mesmo de constituição dos fenômenos pela linguagem, jamais dada na antevisão.

⁸Mais adiante apreciaremos em que consiste uma apresentação simbólica, acompanhando a argumentação de Rubens Rodrigues Torres Filho sobre o estatuto do simbólico em Schelling, base de nossa hipótese aqui sobre uma *Darstellung* estética da Natureza em Humboldt.

⁹COSTA LIMA, L. C., 2000, p. 105.

2.1.

“Apresentação” (*Darstellung*) estética da ciência

A rigor, supõe-se que Humboldt opera na flutuação perpétua do conhecimento intuitivo em que todos se reconhecem e comunicam intersubjetivamente, sob a senha do conceito. Sua cosmologia compreende um “espírito” que, quando conhece, entra num movimento laborioso de ascese pelo conhecimento. A realidade física, para a cosmologia em questão, constitui ambiente movido por força interna, primordial e enigmática, que numa agitação infinita manifesta sua verdade para os sentidos e a razão humana. Tal é o prisma em que se espelha a completude da palavra cosmo: como o que designa o Todo, conjunto dos entes entre o céu e a terra, e princípio que ordena e harmoniza seus elementos. Resta compreender, porém o que é o conceito, capaz de apreender leis da natureza, numa ciência à procura da intelecção real a partir do sensível e da experiência empírica. Qual é, em última instância, (se existe) a coerência entre pensamento e intuição? Assim, permanecemos cheios de indagações sobre a diferença entre conceito e linguagem dentro dessa *Darstellung* estética da ciência.

A idéia de ciência em Humboldt não se faz somente sob esse jogo de trocas e fusões entre espírito e matéria, céu e terra, Natureza e homem, entendimento e sensibilidade¹⁰. Se há originalidade, ela está posta na forma de apresentação desse jogo de trocas porque, de antemão, sua ciência é conhecimento mediado, possibilitado pela linguagem do reconhecimento, cumprida pelo conceito e pela imaginação enquanto produtora. É desse modo que lemos o *Kosmos*, restringindo-nos a pensar que ele nos trouxe de volta certa dimensão metafísica da magnitude do Universo, da plenitude da vida natural, do encadeamento do sensível ao não-sensível — essências que ele constitui somente e exclusivamente ao descrevê-los

¹⁰ Traçar aqui o desenvolvimento da idéia de ciência à época de Humboldt é impossível. Trata-se de um tema vastíssimo; teríamos de ir a Kant, Goethe, Fichte, Schelling e Hegel, etc. Nosso ponto é considerar que “espécie” de ciência moderna ele se propõe. Para tanto, é imprescindível refletir sobre a forma de sua *apresentação*. E a linguagem, tal como se apresenta nas descrições naturalistas, devido às circunstâncias da quais procede — de ter de comunicar ao leitor a “fundamentação científica das leis do mundo” e o “gozo da natureza” —, assume, uma forma específica que não lhe é natural e que se torna a sua forma natural apenas na medida em que se abraçam as circunstâncias que, obrigatoriamente, conferiram-lhe essa forma. A ciência humboldtiana é, portanto, linguagem; é uma forma de representação intuitiva e simbólica. A concepção de ciência de Schelling, particularmente próxima à ciência de Humboldt, nos ajudará a compreender a intuição intelectual como um ato de construção. Pode-se ler, nesse sentido: LLEWENLY, J., 2000, p.50 passim.

como espetáculo. A ciência visa apenas à sua própria transparência, e as precauções de método, não correspondem a uma preocupação apenas retórica, elas são as únicas garantias de que a Natureza, esse tesouro, pode ser transmitida a todos que podem aproveitar as influências externas para a sua formação.

Se essa ciência conta, por um lado, com uma oportunidade de uma “apreciação reflexiva” (*denkender Betrachtung*) pelo “tratamento” (*Behandlung*) sofisticadamente estético da matéria científica, é no seu “tratamento estético” mais abstrato que a sua cosmologia se oferece com encanto ainda maior. A começar pela interpretação que fazemos da idéia de ciência, a cosmologia humboldtiana deve sua existência a uma prognose, ligada antes ao Ato de Conhecer precipitado, como acreditamos, no movimento mesmo de “apresentação” (*Darstellung*) da Natureza. Muitos motivos podem ser enumerados para explicar o fato de Humboldt jamais apresentar uma idéia puramente sistemática de ciência. Em primeiro lugar, a seus olhos, supomos, a ciência, sozinha, não era uma forma capaz de suprir as conexões éticas que ligavam, indefectivelmente, o homem ao mundo. Em segundo lugar, os pensamentos sistemáticos não possuíam lugar privilegiado em seu espírito, e isto se relaciona com o fato de ele não possuir concatenação lógica suficiente para controlar o pensamento, puro e formal, no âmbito teórico. Humboldt é, na acepção goethiana, um cientista-artista ou um artista dominado pelas quimeras científicas e filosóficas. Buscava conexões com a filosofia de sua época, mas, a propósito, era artista e aventureiro demais para ficar parado no gabinete e no pensamento puramente especulativo.

Em Humboldt nunca se distingue, afinal, o científico do modo representativo que o recobre. Sua idéia de ciência é indissociável da “forma” escolhida para apresentá-la. O “tratamento estético” mais abstrato revela sua importância ao percebermos que o conhecimento é mediado, visa à comunicação, é ainda linguagem criadora de universalidade entre o senso comum, a ciência e a estética, concorrentes para os fins da razão. Aí vem então uma “apresentação” (*Darstellung*) estética da ciência, pronta para pôr em cena o espírito no mundo. Mas, deve-se perguntar, por que a *Darstellung* estética promotora de efeito poético é exclusiva para o fim de mediar pensamento e realidade, conhecimento científico e arte ou “espírito” e “matéria”? Esta pergunta é digna da mais alta atenção.

2.2.

Incursão pela mística da arte e da ciência

No primeiro romantismo alemão, encontram-se os germes da perspectiva idealista sobre o absoluto da arte. A partir da tese de doutorado de Walter Benjamin, *O Conceito de Crítica de arte no romantismo alemão*, de 1919, pôde-se obter uma compreensão mais profunda, e uma valorização, dos conceitos de reflexão e crítica para a arte. Foi esta tese, centrada sobre a noção de “desdobramento infinito” da reflexão e da noção da verdade e do absoluto como reflexão e movimento, que saudou, de forma definitiva, o interesse pela bibliografia dos românticos de Jena, Schlegel e Novalis. O núcleo da defesa de Benjamin esteve, como assinala Marcio Seligmann-Silva, no prefácio de sua tradução, no recurso produzido entre os *Friüromantiker* de “colocar () a arte e não o “eu” [fichteano] “no núcleo da reflexão”¹¹. À falta de meios de definição dos princípios filosóficos da arte e contra as visões psicologizantes sobre a arte, a empreitada desse primeiro romantismo centrou-se na possibilidade de fundamentar um conceito objetivo de crítica de arte a partir da consideração sobre a singularidade do juízo teórico para o conhecimento do objeto poético e para a Idéia de arte como *medium* de reflexão¹². W. Benjamin faz notar o contexto filosófico de tal empreitada:

Os românticos viram, antes, na natureza reflexionante do pensar uma garantia para o seu caráter intuitivo. Assim que, na história da filosofia, em Kant – senão pela primeira vez, ao menos de maneira explícita e enfática – afirmou-se a possibilidade de se pensar numa intuição intelectual e, ao mesmo tempo, sua impossibilidade no campo da experiência, veio à tona um empenho múltiplo e quase febril de reconquistar este conceito para a filosofia como garantia de suas mais elevadas pretensões. Fichte, Schlegel, Novalis e Schelling tiveram a precedência neste empenho¹³.

Afora o caso do impacto das Críticas kantianas para os seus primeiros leitores e o que ocorre subsequente, segundo Costa Lima, a preocupação

¹¹ BENJAMIM, W., 1993, p. 11.

¹² Ibid., p.11.

¹³ BENJAMIM, W., 1993, p: 30.

causada pela “perda da unidade”¹⁴, a extração do conceito de intuição intelectual *a priori* pela arte foi a maneira encontrada pelos românticos para salvaguardar uma idéia de absoluto, de unidade ou de verdade¹⁵. Dessas idéias apreenderiam eles uma forma de se livrar do flagelo ou do que Schlegel, reagindo à 1ª Crítica, denominava o “massacre da razão”¹⁶. Uma afinidade eletiva entre a teoria da arte dos *Frühromantiker* e a teoria do conhecimento em Fichte foi o que presidiu a estruturação primeiro romântica do conceito de reflexão com sua devida carga de “formalismo místico radical”¹⁷. É inevitável mencionar, aqui, a importância flagrante de uma concepção das ciências no bojo do processo de libertação da arte. Uma concepção superior da ciência é salientada nas “pesquisas místicas das ciências” por Novalis em seu “A cristandade e a Europa”, de 1799:

O mais alto na física¹⁸ é dado agora de antemão e podemos abarcar com facilidade o âmbito científico e a essência maravilhosa da filosofia, que sobrevoava os elementos científicos puramente descritivos, e agora se converte em figura originária (*Grundfigur*) simétrica das ciências. Nos últimos tempos, a indigência das ciências objetivas se faz cada vez mais visível, à medida que as conhecemos. A natureza começou a parecer cada vez mais miserável e, acostumados ao brilho de nossas descobertas, habituamo-nos a perceber que era uma luz de empréstimo e que, com os instrumentos e métodos conhecidos não encontraríamos o essencial. Cada pesquisador deveria se declarar que nenhuma ciência é nada sem as outras. Assim se originaram as pesquisas místicas das ciências¹⁹.

A ciência mística de Novalis, o “formalismo místico radical”, especialmente mencionado por Benjamin, revelou-se um instigante eficaz para a insaciável exploração da intuição intelectual de procedência do filósofo, perito-mór das soberbas pretensões à totalidade. À impossibilidade da impressão total no “campo da experiência”, o “caráter intuitivo” do conceito foi irresistivelmente atraído para

¹⁴ COSTA LIMA, L., 1993, p. 174. Vale reproduzir passagem do texto referente à arquitetura kantiana, resguardadora de uma “nova unidade”: [Kant] preocupou-se (...) em estabelecer as fronteiras até onde cada atividade seria válida. A arquitetura com que afinal intentou conjugar cada esfera era uma *arquitetura de sistema*, i. e., que visava a estabelecer uma construção que possibilitasse a seu praticante compreender os abismos que separam cada esfera e, ao mesmo tempo, trafegar sobre eles. Ou seja, ainda: tal construção seria *mental* e não declaradora.

¹⁵ Cf. nota 5 do capítulo anterior.

¹⁶ COSTA LIMA, L., loc. cit., p. 175.

¹⁷ BENJAMIM, W., loc. cit., p. 32.

¹⁸ Ainda que Novalis se refira ao “mais alto na física *Das Höchste in der Physik*” há de se entender que, no interior desse contexto histórico, e, para o seu contemporâneo, o mais alto da ciência se expressa na física newtoniana.

¹⁹ NOVALIS, F., 1983, vol. 3, p. 521.

o irretocável da arte e da ciência. Emitiram-se juízos severos sobre a sistemática engendradora pelas explicações mecanicistas do universo. O pretendido êxito da ciência mística assegurava à “essência maravilhosa da filosofia” um prestígio singular. Não só contra a “indigência das ciências objetivas”, mas contra qualquer “luz de empréstimo”, contra a pura instrumentalização de dados e, em geral, contra todos os saberes que pudessem redundar em solidão epistemológica e criar independência, a ciência de Novalis, constitui, por assim dizer, uma concepção “mística” em prol de uma nova unidade. A própria idéia de absolutização da arte foi inspirada, sem dúvida, visando a evitar a ruptura de Kant para trazer uma síntese superior, o “essencial”, ao que permanecia ainda na ordem do relativo, e não é de admirar se a arte e a ciência aparecem envoltas nos idealistas, com frequência, na mesma atmosfera mística que se costuma associar a esses “primeiros românticos”. Parece bem significativo, por exemplo, o fato de que as lições da *Filosofia da arte* de Schelling ocorrem logo após a dissolução do grupo romântico de Jena. Fato esse que se origina, de acordo com Márcio Suzuki, em “uma espécie de caixa de ressonância”²⁰ com motivos semelhantes aos que determinaram a mesma atitude com relação à concepção primeiro romântica da arte.

Benjamin assegura em relação ao primeiro pensamento sobre o absoluto da arte: “a teoria romântica da arte é a teoria de sua forma” (...). A forma é, então, a expressão objetiva da reflexão própria à arte, que forma sua essência. Ela é a possibilidade da reflexão na obra, ela serve, então, *a priori*, de fundamento dela mesma como um princípio de existência; através de sua forma a obra de arte é um centro vivo de reflexão. No medium-de-reflexão, na arte, formam-se sempre novos centros de reflexão. Segundo seu germe espiritual, eles abarcam na reflexão conexões maiores ou menores”²¹.

Para o nosso propósito, recorde-se: da teoria primeiro romântica da arte, que, mesmo na Alemanha, fora contidamente referida pelos filósofos, origina-se um juízo objetivo sobre a arte como fazendo parte, em princípio, da recepção da “interpenetração mútua do pensamento reflexivo e do conhecimento imediato”²² expressa na *Doutrina-da-ciência (Sobre o conceito da doutrina-da-ciência ou da*

²⁰ SCHELLING, F. W. J., 2001, p.10.

²¹ Ibid., p. 80 passim.

²² BENJAMIM, W., 1993, p. 30.

assim chamada filosofia) de Fichte, de 1794. A relação de filiação entre o modo de pensar reflexivo e o conhecimento imediato sobre a “origem e a explicação do mundo”, que atinge seu ápice em Fichte, entraram naturalmente no arsenal teórico de Schlegel e Novalis muito antes de qualquer contato deles com a filosofia kantiana²³. Pode-se ter idéia dessa primeira influência pelo que se encontra “nesse estar consciente de si” de Fichte e que, segundo Benjamin, representa a coincidência entre “intuição e pensar”, “sujeito e objeto” em que somente um aspecto da reflexão é valorizado: a imediatez de um conhecimento mais elevado. O outro aspecto fundamental da reflexão, seu desdobramento infinito, cabe à ousadia e à genialidade dos *Frühromantiker* introduzir e super valorizar.

Novalis e Schlegel, com seu culto ao infinito, imprimiram um direcionamento inédito ao pensamento de Fichte, imitando a cadência da imediatez fichteana e invertendo o eixo outrora principal da reflexão em direção a infinitude. As oportunidades de consignar a todo o conhecimento crítico o passo elementar da reflexão mediadora são senão justificáveis, pelo menos dignas de legitimação, pela importância da estética de Kant para os primeiros românticos. Portanto, apesar de toda afinidade primordial com Fichte, a dedução primeiro romântica da reflexão punha, pela primeira vez, uma questão diferencial à indagação sobre a arte: há na natureza reflexionante e infinita da linguagem da crítica uma garantia da imediatez do conhecimento intelectual do objeto, irrealizado na sua representação formal²⁴.

Ora, o que nasce dessa reflexão é a possibilidade de um pensamento formal sobre a natureza poética da estética em geral, relacionada ao fenômeno do puro pensar, superador, por sua vez, da determinação ontológica do ser como ser pensante sem mediação com o sensível.

Perto de constituir um ponto de ligação, apenas brevíssimo e esquemático, entre a teoria romântica da arte e o ideal harmonizador humboldtiano, não admira, assim, que o primeiro enfrentamento do juízo estético pelos românticos tenha se

²³ Esta é seguramente a tese de Benjamin.

²⁴ Vale citar uma carta, de 30 de março de 1918, de W. Benjamin a seu amigo Gershom Schölem em que ele busca explicar o que seria a “condição da crítica da arte romântica”: “Apenas a partir do romantismo passou a dominar a visão de que uma obra de *arte* poderia ser compreendida em e para si na contemplação, sem sua ligação com a teoria e a moral, e poderia atingir suficiência através desta contemplação. A relativa autonomia da obra de *arte* com relação à arte, ou antes, sua dependência pura e simplesmente transcendental com relação à arte tornou-se a condição da crítica da arte romântica. A tarefa consistiria em indicar neste sentido a estética de Kant como pressuposto essencial da crítica da arte romântica”. BENJAMIN, W., loc. cit., p. 140.

irradiado de alguma forma em Humboldt. Observe-se — o fundamental está no sentimento de perda da unidade, foco de onde se dispersaram os recursos defensivos de maior eficácia, e cujo emprego se ampliou pela descoberta tanto do caráter de reflexividade e infinitude da arte e sua crítica quanto pela fundação de uma concepção mística da ciência. É certo que a absolutização da arte e a síntese mística das ciências particulares eram em geral o quanto bastava para garantir contra o perigo da perda da unidade, o estabelecimento de uma nova. Porém, isso não nos basta. Ao lado das proposições da teoria do conhecimento dos primeiros românticos, cumpre lembrar, a *Darstellung* humboldtiana da linguagem elegeu, também, o modo intuitivo de representação o justo ponto de partida e chegada ao conceito extraído do objeto. Só que em Humboldt a reflexão trabalha em favor da especularidade e identidade absoluta entre o pensar, o sentir e o agir. Não há teoria da arte como um “medium-de-reflexão” em Humboldt e nem sequer arte como “centro de reflexão”. Se o princípio cardinal da teoria primeiro romântica da arte encontra-se, seguindo Benjamin, no “juízo da obra segundo seus critérios imanentes”²⁵, conferindo ao campo da arte a autonomia que Kant havia estabelecido para o seu juízo, o mesmo não se passa com Humboldt. Tanto mais quanto a autonomia da crítica de arte pelos *Frühromantiker* se convertia no próprio cerne de suas preocupações filosóficas, por causa do inédito esforço em pensar teoricamente a singularidade da literatura, uma simples fórmula de Humboldt transformava, assim, a arte em acalento e regalo para os sentidos. De novo, nos ocorre, o limite de qualquer pensamento teórico em Humboldt, sua espécie de mobilidade iminente eficaz para escapar ao antagonismo que ciência e estética então se permeiam depois de Kant. Ao núcleo vazio da teoria é assaz crucial a atração por uma apresentação estética da ciência que totalize o que uma ciência envolvida em questões de ordem epistemológica não é mais capaz de totalizar. Em outras palavras, a natureza, reflexionante e totalizadora, da estética em Humboldt fomenta a unificação entre pensamento e intuição, espírito e matéria ou experiência e saber.

Entretanto, a totalização estética por Humboldt está longe de acompanhar o rigor e a fecundidade filosófica que Schlegel e Novalis foram ambos capazes de desenvolver. A idéia de absoluto e do sistema da arte na passagem do século

²⁵ BENJAMIN, W., 1993, p. 80.

XVIII ao XIX alemão foram propostas originais deles, as quais Humboldt certamente aproveitou como espécie de norma pairando naquele ambiente filosófico. Se ali a teoria, caracteristicamente crítica da arte levava-a a máxima importância enquanto *medium*-de-reflexão da filosofia, na apresentação estética da ciência humboldtiana, a arte, desprovida de um aporte teórico, servia para a “forma” de continuar fazendo ciência totalizante.

2.3.

“O que há de mais geral e elevado”

Posto que o “tratamento estético” dos assuntos científicos em Humboldt ande constatemente associado à própria essência da concepção humboldtiana de ciência, trata-se, em realidade, de avançar sobre um dos princípios filosóficos do Sistema do Idealismo Transcendental, mais especificamente, sobre um de seus elementos centrais, a linguagem, concebida nesse sistema de pensamento, como a forma epistemológica de mediação possível entre ser e pensar, sujeito e objeto ou consciente e inconsciente.

De todas as explicações de Humboldt sobre os princípios de sua ciência, nenhuma, entretanto, parece tão bem justificada quanto à “escolha” de uma linguagem, viva e objetiva, para representar a Natureza em sua verdade especular. Estão amplamente declarados os seus incessantes esforços de superação da contradição entre o que existe em sua concreção e o movimento interno de imaterialização despertado por essa existência propriamente material. Isso constitui o ponto sobre o qual nenhuma dúvida pode mais pairar. Seria pouco para as pretensões do conhecimento humboldtiano contentar-se com a separação entre ciência, filosofia e estética. Nem só ciência, muito menos só uma apresentação estética dos assuntos científicos, nem mesmo pura filosofia da Natureza, o saber heurístico de Humboldt talvez seja finalmente racionalista, na acepção básica e elementar do termo. É legítimo até especular se não estaríamos frente a uma razão construtiva, em estado pleno, pronta a alcançar a finalidade perfiladora da totalidade, correspondente ao sistema cosmológico. E já que o terreno dessa ciência se abre e se move para incorporar o *medium vivo* de comunicação íntima — estranha por definição ao discurso puramente intelectual — faltaria desde logo a contrapartida dos estímulos reflexivos qualificados para superar as contradições e as oposições advindas da separação entre ciência e estética, consciência e imaginação.

Na verdade, pode-se dizer: ciência e arte buscam, em Humboldt, precisamente o mesmo fim; uma com mais e outra com menos consciência. Mais consciente é a ciência. Ela sabe do alcance que determinado tipo de linguagem pode ter no interior do conhecimento intuitivo e da comunicação íntima desse conhecimento. Ela está ciente da energia expositiva da linguagem e do domínio da

forma, que vem pôr a diversidade dramática dos fenômenos em determinada cena. Assim, a *darstellung* estética constitui-se no motivo central dessa ciência. E com o desaparecimento progressivo das ameaças da multiplicidade e diversidade naturais, veremos o quanto o emprego de uma construção poética da ciência ficou decididamente restrito a uma concepção de ciência recuperadora e rearticuladora do sentido original das antigas expressões gregas da física, da ética e da poesia.

Não é exagero, talvez, em acreditar-se que Schelling²⁶ contribuiria de modo ainda mais decisivo para que, em Humboldt, a concepção totalizante da *darstellung* estética tornasse caracteristicamente singular sua ciência. Dado seus cursos sobre *Filosofia da Arte*, em Jena (1802-1803) e em Würzburg (1804-1805), tendemos, aliás, a reforçar tal suspeita. E a circunstância de depois dessas preleções, ter sido aberta a perspectiva inconfundível do idealismo transcendental, pode inclinar à suposição de que a arte seria para a filosofia um objeto mais generalizado do que se pode presumir à primeira vista. Ela é unificadora e é, sobretudo, o que há de “mais alto para o filósofo precisamente porque lhe abre, por assim dizer, aquilo que é mais sagrado, no qual, como que numa só chama, ardem em união eterna e original as coisas que estão separadas na natureza e na história, e que têm de fugir eternamente uma das outras na vida e na ação, assim como no pensamento”²⁷.

A hipótese de que apenas por força do movimento de *Darstellung* do “mundo dos fenômenos” se precipita o ato humboldtiano de conhecer, torna-se ainda mais verossímil ante o texto de Schelling em que se assinalam os princípios de uma ciência totalizante, inconfundível com a sistemática determinação de causalidades. Tudo faz crer que a sua *Filosofia da Arte* toca numa ótima noção para Humboldt. Nela, ele assevera:

A ciência não define; ela constrói, sem se preocupar com que os objetos possam surgir do seu agir puramente científico; só que, precisamente nesse procedimento, é surpreendida no final com a totalidade plena e fechada; os objetos entram imediatamente, pela própria construção, em seu verdadeiro lugar, e esse lugar que

²⁶ Haroldo de Campos em artigo intitulado *A peregrinação transamericana do Guesa de Sousândrade* chama a atenção para uma possível aproximação entre o *Kosmos* e a *Naturlehre* de Schelling: “Seria possível reconhecer no Cosmo a influência de Schelling, para quem: ‘A Natureza deve ser o espírito visível, o Espírito, a Natureza invisível’”. In_ *Revista USP*, São Paulo: nº 50, junho/agosto 2001, p. 221-231.

²⁷ SCHELLING, F. W. J., 2001, p.11.

recebem na construção é ao mesmo tempo a única definição verdadeira e correta deles. Não é preciso então continuar regredindo por inferência do fenômeno dado a sua causa: ele é este fenômeno determinado, porque surge neste lugar e, inversamente, ocupa este lugar, porque é este fenômeno determinado. Somente nesse procedimento há necessidade”²⁸.

É, sem dúvida provável, por esse trecho, fixarem-se os traços definitivos do “princípio da construção”, tal como Schelling o usou. Construção em que o “agir puramente científico” surpreende uma totalidade já plena e fechada, sobretudo, porque os “objetos entram imediatamente” em seu “verdadeiro lugar”, preenchendo e determinando a sua natureza puramente formal, ou a sua própria possibilidade de “vazio”. Assim o “agir puramente científico” é uma “reflexão que põe, ou um pôr refletido” (usando palavras de Benjamin sobre Fichte²⁹), dependente de uma razão que constrói, às cegas, uma edificação mental para a qual a realidade terá de corresponder. É por isso que a linguagem da ciência humboldtiana só pode ser simbólica, visto que uma linguagem puramente conceitual faria “inferência do fenômeno dado a sua causa” e dado as suas leis previamente estabelecidas, e não construiria, todavia, a identidade entre a possibilidade e a realidade de um “agir puramente científico” que é atemporal, transcendental e, por isso, usa um tipo de linguagem na qual os objetos existem materialmente e tem, de uma só vez, uma significação imaterial. Nesse sentido, muitos indícios nos inclinam a identificar o eco do idealismo de Schelling em Humboldt: especificamente no propósito de investir numa envergadura para a ciência que aponta para além dela, aponta para um tempo em que a ciência tinha partido da poesia. O recurso à visão holística, tão resolutamente permeável às ciências experimentais do século XIX, perdurou, aqui e ali, durante longo tempo, enquanto prevaleceram as condições idealistas do pensamento sobre a realidade. Sua existência em Schelling, ainda em começos do século XIX, é atestada em conhecida passagem: “assim como a ciência um dia partiu da poesia, é também sua mais bela e última destinação refluir para aquele oceano, [para aquele] universal oceano da poesia”³⁰.

²⁸ SCHELLING, F. W. J., 2001, p. 80.

²⁹ BENJAMIM, W., 1993, p. 32.

³⁰ TORRES FILHO, R. R., 1987, p.142.

Aplicando tudo isso a nosso objeto, podem-se discriminar os motivos diversos da introdução da apresentação estética na ciência humboldtiana, que vinha para evitar o “acúmulo de imagens isoladas” prontas a “pertubar a calma e a impressão total” da Natureza. Dignas de interesse, a tal respeito, são as conclusões tiradas da aproximação de Humboldt à perspectiva que nos foi aberta por Schelling: a poesia passando para a ciência o princípio de seu nexos universal e determinando exatamente o lugar e o fundamento deste lugar para o fenômeno. Portanto, a visão e a consideração mais exata dessa ciência humboldtiana, a partir da perspectiva schellingiana, é ver como determinado tipo de linguagem convence o espírito de que a ciência é uma construção do mundo dos fenômenos “na única definição verdadeira e correta deles”. E o certo é que, para semelhante autores, precisamente no procedimento de apresentação, ou melhor, no trânsito especular entre o reino da liberdade e o reino da necessidade que se dá esse procedimento cosmológico³¹. É a forma de apresentação, a responsável pelo vínculo entre o possível e o real. Esta é a essência de sua representação intuitiva da natureza. Em suma, a ciência é uma construção racional em que tem de tornar identificável o movimento e a progressão dos objetos e fenômenos naturais em direção a uma finalidade dada na “totalização prévia” da Natureza.

Explicitados agora a noção schellingiana da ciência, e o apoio por ela fornecido em nossa análise da cosmologia humboldtiana, vê-se como o conhecimento científico mediado pela linguagem estética totalizadora, tornará possível a composição de uma identidade entre a possibilidade e a realidade do “mundo dos fenômenos físicos”. Escolheria por ventura uma “expressão imagética” (*bildliche Ausdruck*) alguém que não atribuísse à linguagem uma importância vital, e uma articulação complexa na reconciliação entre espírito e matéria? Escolheria uma “expressão imagética” alguém que não acreditasse no caráter eminentemente produtor da imaginação, e na universalidade do conceito construída pelo entendimento. O que vem a ser essa ciência que usa uma “expressão imagética” para “caracterizar o “ponto de vista” (*Standpunkt*), senão o

³¹ Vale assinalar a passagem da *Filosofia da Arte* sobre esse princípio de construção que define a ciência e que irá explicar a própria mitologia grega para Schelling. Segue a passagem: “Num sentido outro e mais elevado, o princípio da construção é o da física antiga, *de que a natureza tem horror ao vazio*. Onde, portanto, houver um lugar vazio no universo, a natureza o preencherá. Expresso de maneira menos figurada: no universo não há possibilidade incompleta, todo possível é real. Como o universo é um só, indivisível, ele não pode desaguar em nada, sem desaguar por inteiro”. SCHELLING, F. W. J., 2001, p. 80.

anúncio de uma escolha ousada para pôr em cena o mundo sensível na sua verdade e transcendência? Não seria uma linguagem específica a responsável por criar a completude e a identidade necessária entre as condições de possibilidade dos fenômenos e sua realidade? A afinidade básica entre “apresentação” (*Darstellung*) estética da “pintura da ciência” (*Naturgemälde*) e ciência como linguagem conceitual construída mediante o modo fenomenico de tudo, será esmiuçada recorrendo à fonte simbólica da representação.

Chama nossa atenção, na leitura da passagem destacada do *Kosmos*, a preocupação de Humboldt com as “formas de apresentação” (*Formen der Darstellung*) perfeitamente adequadas para caracterizar um modo de representação intuitivo do universo³². Sobre o desdobramento da “apresentação” (*Darstellung*) simbólica a partir da *Crítica do Juízo* kantiana, Rubens Rodrigues Torres Filho é quem irá nos subsidiar. Ele sintetiza o simbólico para a ética moral: “Kant se detém no esclarecimento da noção de ‘representação simbólica’, denunciando o contra-senso que cometem os ‘novos lógicos’ ao opô-lo à representação *intuitiva*. Tanto o simbolismo como o esquematismo são operações da faculdade de julgar que *expõem* o conceito na *intuição*; ambos, intuitivos, subordinam-se ao conceito genérico da *hipótese*”³³. Verificamos então claramente: “trata-se, sempre, da *Versinnlichung* (sensibilização) de um conteúdo conceitual” guiado pela noção de analogia interna ou estrutural derivadas das regras de reflexão. Rubens Rodrigues resume a análise kantiana do símbolo, como modalidade representacional de procedimento indireto, análogo ao eleger uma intuição no lugar de um conceito totalmente outro, que irá integrar bem as reflexões *in progress* de Schelling sobre o simbólico “*como princípio interno de*

³² Toda a contextualização teórica e metodológica de Humboldt estará nos provocando a definir sua ciência como um modo de representação intuitiva do conhecimento. A isso se atribui a encenação dos fenômenos em uma Natureza ainda encantada, os espelhamentos sucessivos da fruição estética e da apreciação reflexiva, a preocupação com a forma de apresentação, etc, querendo dizer com isso que a linguagem estética-simbólica escolhida por Humboldt é tanto uma forma gestual do texto, que dá visibilidade ao conceito, quanto uma forma de enunciação discursiva. Em princípio, estaríamos falando em hipótese que consiste em pôr diante dos olhos o objeto de que se fala. Kant ao mencionar a beleza como símbolo da moralidade na *Crítica do Juízo* (#59) escreveu: “Toda hipótese (apresentação, *subjectio sub adspectum*) enquanto sensibilização é dupla: ou esquemática (...) ou simbólica”. Para Kant, sob o conceito genérico de hipótese estão duas operações da faculdade de julgar que expõem o conceito na intuição. Duas são as formas de expô-lo: diretamente (esquemática), indiretamente (simbólica). Esta última é a que nos interessa pois se trata de uma (*Versinnlichung*) sensibilização de um conteúdo conceitual da razão (as Idéias) que se valendo da atividade específica da reflexão põe sobre um objeto da intuição um conteúdo outro, análogo, ao qual nenhuma intuição corresponda.

³³ TORRES FILHO, R. R., 1987, p. 128.

construção da mitologia”³⁴. A razão disto está em que o “ato de simbolizar” consiste, pela típica da lei moral, numa “atividade específica da reflexão, que põe em cena um conceito indemonstrável”³⁵. Humboldt, como não poderia deixar de ser, estava ciente da distinção entre ciência e estética, e da importância da questão, que é a do valor da arte e seus impasses para a filosofia do grupo romântico de Iena, por exemplo. Mas, naturalmente, quando se trata de elaborar essa distinção no regime básico do conceito, não é a ele que devemos nos dirigir.

Schelling, partindo da análise kantiana do símbolo, é quem dá ao simbólico o seu desenvolvimento sistemático. Comparando-o às formas de *Darstellung* do esquema e da alegoria, o filósofo profecia a identidade absoluta entre ser e significar na *exhibitio* simbólica³⁶. A explicação para tal síntese está, em grande parte, conforme anota Rubens Rodrigues Torres Filho, num jogo dialético entre três formas de *Darstellung*³⁷: a esquemática, a alegórica e a simbólica. Venhamos ao parágrafo 39 “Exposição do Absoluto com absoluta indiferença do universal e do particular no particular só é possível simbolicamente” da *Filosofia da Arte*:

Aquela exposição na qual o universal significa o particular, ou na qual o particular é intuído por meio do universal, é *esquematismo*.

Aquela exposição, porém, na qual o particular significa o universal, ou na qual o universal é intuído por meio do particular, é *alegórica*.

A síntese de ambas, onde nem o universal significa o particular, nem o particular, o universal, mas onde ambos são absolutamente um, é o *simbólico*³⁸.

A *exhibitio* simbólica da ciência, incomum aos cientistas e epistemólogos (os físicos newtonianos, por exemplo, ignoravam-na por completo), faz com que seu estudo seja de interesse fundamentalmente essencial para o objeto do presente estudo. Por outro lado, convém não esquecer que essa *exhibitio* serviu para apurar os recursos narrativos de efeito em face do leitor e dos cientistas de gabinete. É notório, pois, que o conteúdo da exposição no *Kosmos* não é a ciência explicando

³⁴ Ibid., p. 130.

³⁵ Ibid., p.129.

³⁶ Ibid., p.124 passim.

³⁷ Ibid., p. 131.

³⁸ SCHELLING, F. W. J., 2001, p. 69.

o processo em que a fantasia opera sobre a realidade, nem mesmo ela definindo as leis mecânicas que movimentam os fenômenos. No *Kosmos*, o autor explica a ciência a si mesma na simultaneidade estabelecida entre a exposição e a “apreciação reflexiva” dos fenômenos. E eis que surge a situação instauradora da visibilidade do conceito abstrato, nessa auto-explicação da ciência. A ciência de Humboldt emite informações científicas, a imaginação reflete, completa, cultiva essas informações; logo, quando se coloca diante da *exhibitio* simbólica, a ciência mimetiza a Natureza. Além disso, observa-se a Natureza cria; a ciência também cria; logo, ela é espelho. Humboldt não evitou expressões científicas, deixando-as em grande parte falar sua própria linguagem, depois que elas, através do ponto de vista agora alcançado, se tornaram inteligíveis e podem pôr diante dos olhos do leitor o objeto sobre o qual fala ou descreve. O *Standpunkt* possibilitou o espelhamento entre o real e o ideal, o particular e o universal, o espírito e a matéria, o sensível e o inteligível, etc. As expressões imagéticas da ciência de Humboldt são figuradas; próprias à fruição estética, como a maioria das descrições naturalistas científicas que vão procurar propriedade junto ao senso comum. Por isso, quando se põe a questão de dar à ciência humboldtiana uma *mis-en-scène* simbólica, não vale esperar que seu livro sobre a Natureza seja um livro poético ou uma obra literária. O que se encontra, pode-se dizer, é uma ciência lírica inventando descrições que dá a ciência imagens pictóricas e paisagísticas, em uma “prosa levemente poética”. Na medida em que essa ciência expressa o espetáculo natural em linguagem simbólica, a fruição estética insinua o vaguear especulativo do pensamento sobre a realidade e a idealidade dos fenômenos naturais. Isso, de certo modo, é reafirmado por Rubens Rodrigues Torres Filho para a consciência simbólica da ciência: “A *Darstellung* perfeita não pode ser tomada como mera representação (*Vorstellung*) do supra-sensível no sensível: tem de ser considerada de um ponto de vista propriamente especulativo — e conhecida então como espelhamento dos dois”³⁹.

³⁹ TORRES FILHO, R. R., *Ensaio de filosofia ilustrada*, p.152.

2.4.

A vastidão do céu na terra

Tenhamos em mente aquela citação inicial, até agora pouco desenvolvida, para aprofundar nossa hipótese sobre a “apresentação” *Darstellung* simbólica da ciência. Pela condição de alheamento a que está lançado o homem da modernidade, indivíduo solitário na sua independência, se forma às claras o teatro lírico no interior do qual a ciência de Humboldt encena a mais completa unidade entre espírito e natureza, céu e terra. A busca pela unidade, a busca pela comunicação, pela universalidade e infinitude aparecerá, fortuitamente, como sinônimos do necessário e da liberdade. Mas algo de curioso acontece aí: trata-se do movimento extraordinário do sujeito que, isolado e lançado sobre si mesmo, não se limita à sua própria consciência, mas a uma onividência: como a riqueza natural aparece nobilitante se avistada do *Standpunkt*; por essa feliz visão são oferecidas sensações e idéias elevadas. Humboldt obriga-se a restituir a coesão que outrora unia o homem ao cosmo. Assim, comparece o espírito profanando a si enquanto viola a matéria, objeto de suas intuições, e isso acontecendo dentro de uma perspectiva mais abrangente de relativizações: atirado ao real, ele ergue imediatamente o olhar de modo a captar o que há de mais íntimo e profundo naquilo que lhe é aparentado de mais longe.

Tendo que corresponder à importância flagrante do conhecimento intuitivo da Natureza, em Humboldt, devemos então começar com o “trânsito” que, mencionado em outro ponto pelo autor⁴⁰, a “apreciação reflexiva” sugere. Tal “trânsito” requer um descortinar, um ver através de uma perspectiva ótica no espaço, de onde a maior parte dos singulares aparece reunida dentro do contorno dos grupos, e, de onde o “singular” aparece iluminado pelo grupo, até tornar cognoscível a “rica plenitude da vida natural” que está, igualmente, afastada e distanciada tanto pela altura quanto pela largura desse horizonte que se amplia quando “vibra ao longe”. Humboldt poderia conhecer os fenômenos físicos apenas medindo e calculando mecanicamente as diversas matérias do céu e da terra (sua

⁴⁰ A passagem é a seguinte: “Ao lado da alegria pelo conhecimento conquistado encontra-se, como que misturada com tristeza (...) a ânsia por regiões do saber, regiões ainda não desvendadas, desconhecidas. Uma ânsia como essa une melhor o laço que – segundo as leis dominadoras do que é mais íntimo no mundo do pensamento – encadeia tudo o que é sensível ao não-sensível; ela vivifica o trânsito entre aquilo ‘que a alma apreende o mundo e aquilo que ela devolve das suas profundezas’”. HUMBOLDT, A., 1978, p. 48.

altura, largura, espessura, movimento, etc). Todavia, o que sua “pintura da natureza” nos oferece são as condições estéticas para um efeito dinâmico da imaginação no ato mesmo de conhecer, aqui se originando do encontro dos fenômenos pelo órgão da visão e, sobretudo, da exposição de tudo que estiver fora do alcance dos olhos.

Talvez aí resida um dos pontos fortes da concepção de ciência humboldtiana, quando entra em jogo o vôo incontornável da imaginação, coadjuvante na promoção do encontro entre a mente do cientista e o real. Com efeito, a noção de encontro e exposição como princípios internos de construção da ciência é mais instigante quando se pensa que a imaginação tomada aqui no rigor de suas implicações, não pode ser pensada como obra individual de deliberação criadora. Porque desses encontros deriva a constituição do mundo dos fenômenos e o reconhecimento da própria força, interna e produtiva, da Natureza.

Sem dúvida, um projeto de ciência como o de Humboldt, caudatário do horizonte de ruptura com a metafísica, inclui o trabalho de indagar que conotação o mundo inteligível dá ao mundo sensível e que influência disfarçada exerceria sobre os juízos da razão moderna o fato de o espírito humano estar compreendido no mundo sensível. Essa constatação — de que o homem como tal é sensível — põe em cena sua ânsia pelo não-sensível. Aí o alcance mesmo da noção de indivíduo não pode ser tomado mediante a subjetividade de uma instância psicológica e, sim, mediante uma alma que tem por princípio o sensível e por imagem (*Bild*) a ânsia pelo supra-sensível. Portanto, a cena da subjetividade é a da aquiescência ao não-sensível e nunca de subordinação ou independência.

A primeira passagem destacada nas páginas anteriores esboça (como o autor faz questão de assinalar) uma “pintura da natureza” geral e sistemática movida em direção à abstração e somente no final brevemente sugerida, a partir da escolha de um específico ponto de vista promotor dessa ocasião. Os resultados são facilmente sumarizáveis: a inovação da ciência humboldtiana põe em cena os fenômenos, e constitui uma experiência profundamente íntima deles como um movimento em direção à fonte da poesia e da ciência e, ainda, figura essas fontes como “trânsito” especular da “alma” (*Gemüt*) com a natureza. Todo o contexto — e a inflexão geral do pensamento de Humboldt — pressupõe a fissura da unidade originária do externo no interno, do ideal com o real, do sensível com o intelegível. Talvez a

mais fácil aproximação dessa imagem venha a se concretizar na figuração de certa violação interna do sujeito pela “matéria”, em que um contraste entre mundo interno e matéria é esboçado e a focalização em uma virtual totalidade perfeita entre eles toma lugar. Para tratarmos da figuração dessa violação do espírito pela matéria, venhamos a considerar o contexto da primeira citação.

As linhas que se seguem àquela posição contemplativa do cosmos assumem um tom de severa crítica contra “as mais antigas concepções fiscalistas da humanidade” (*den frühesten physikalischen Ansichten der Menschheit*) acostumadas a separar espacialmente o céu da terra como em duas regiões, uma “Em cima” e a outra “Em baixo”. Elas entrariam na sequência de idéias que gravitam em torno do “primeiro modo sensível de ver” (*der ersten sinnliche Anschauungsweise*): do conhecido para o desconhecido, do próximo para o distante, da terra para o céu. Modo este, segundo Humboldt, ultrapassado e insuficiente porque segue justamente o método matemático recomendado “nos livros didáticos de astronomia” (*Astronomischen Lehrbücher*). Aí, o criticismo de Humboldt adquire uma de suas feições mais recalcitrantes, fortalecendo a legitimidade e a demanda por uma alternativa a tais concepções:

Em uma obra, porém, que deve enumerar o já conhecido – mesmo aquilo que no estado atual de nosso saber é tomado como certo ou, de acordo com diferentes gradações, como provável –, e não fornecer as provas que fundamentam os resultados alcançados, é preferível um outro percurso de idéias (*Ideengang*). Aqui não se parte mais de um ponto de vista subjetivo (*subjektiven Standpunkt*), do interesse humano (*menschlichen Interesse*). Só é permitido ao terreno (*Das Irdische*) aparecer como uma parte do conjunto (*Ganzen*), como a ele subordinado. A visão da natureza deve ser geral, deve ser grande e livre; não deve ser estreitada por comodismo, pelo motivo da proximidade (*Motive der Nähe*), pela utilidade relativa. Uma descrição física do mundo (*Eine physische Weltbeschreibung*), uma pintura do mundo (*ein Weltgemälde*) começa por isso não com o telúrico (*Tellurischen*); ela começa com aquilo que preenche os espaços celestes. Mas, na medida em que as esferas da intuição (*Sphären der Anschauung*)⁴¹ se estreitam espacialmente, aumenta a riqueza individual do diferenciável, a plenitude dos fenômenos físicos, o conhecimento da heterogeneidade qualitativa dos materiais. Das regiões nas quais só conhecemos o domínio das leis da gravitação, descemos então dos nossos planetas até o jogo complicado das forças na vida terrestre. O

⁴¹ *Anschauung* é traduzido aqui como “intuição” que não se restringe à “intuição sensível” e às formas *a priori* da sensibilidade definidas por Kant, o espaço e o tempo. Acreditamos, *Anschauung*, em Humboldt, obedece ao sentido filosófico grego que nela inclui os atos de ver, perceber, apreciar e observar.

método descritivo da natureza delineado aqui é oposto àquele que estabelece resultados. Um enumera o que foi comprovado no outro caminho⁴².

A ciência humboldtiana adota, definitivamente, um “outro caminho de idéias” no questionamento do ilimitado cósmico como fundamento do limitado terreno. Caminho este onde o lugar da destruição da Metafísica permanece essencial, onde, usando palavras de Gérard Lebrun sobre a fase pré-crítica de Kant, a “teologia natural claudica [e] o divino torna [-se] sinônimo de totalização prévia”⁴³. O fundamento do ilimitado cósmico envolve um desprezo sumário pela noção do real-empírico como ambiente de “estilhaçamento infinito”, com risco de sua própria desordem caótica, e é reinterpretado nos termos de uma visão geral, totalizável. Haveria, nessa visão, uma autêntica valorização da inteligência infinita do homem, que adquire determinados direitos, a começar pelo mais elementar de todos, o de viver e defender o prazer da vida terrena. O *fair play*, que corresponde a uma atitude relativista do “ponto de vista subjetivo”, e que se traduz na frase “Aqui não se parte de um ponto de vista subjetivo do interesse humano. Só é permitido ao terreno aparecer como parte do conjunto, como a ele subordinado”, escapa decididamente a sua órbita, e impera de preferência em cosmogonias onde pode florescer o amor encantado ao miraculoso e ao mágico; onde inexiste ou inexprimi-se verdadeiramente a lógica e as matemáticas para a experiência, e onde se consideram condenável a supressão da espontaneidade da criação natural. Seria falso querer atribuir unicamente à herança leibniziana a modalidade tão característica de muito dos recursos de “totalização prévia” de nosso Humboldt, que o faz timorato pela excessiva riqueza da Natureza. É certo que para adotar as formas mais belas e grandes da Natureza, o que se verifica, particularmente em Humboldt, é a composição de uma visão abrangente que subsume a heterogeneidade absurda dos materiais sob leis ou sob o limite rijo de um quadro material.

Anuncia-se, no texto acima, a hipótese atinente ao estreitamento das esferas da intuição. A proposição por ela admitida é mais ou menos esta: por mais longe que vá a investigação do cientista, nunca uma matéria, por mais heterôgenea que

⁴² HUMBOLDT, A., 1978, p. 52.

⁴³ LEBRUN, G., 1993, p. 234.

seja, escapa a uma lei e nunca há desordem tão absoluta que não possa ser dissipada. A título de princípio a partir do qual se deduz um determinado conjunto de conseqüências da “visão geral”, admitamos, Humboldt quer dar livre curso a uma intuição pensada. E mais: ele supõe verdade, unidade e totalidade na condução dessa intuição para a essência do conhecimento científico. Há, portanto, afinidade necessária entre as leis menos ou mais gerais, comparável à afinidade que os princípios do entendimento estabelecem entre as percepções. Essa afinidade é exigida pela descrição vívida.

É verdade que a *Weltgemälde*, legatária de um “outro” *Ideengang*, garante a prática por Humboldt de uma vinculação estreita entre ciência, filosofia e poesia em que se vê apurar, lá de cima, a insicividade relativa do corte vertical da visão. Ela desempenha, nesse caso, papel decisivo, uma vez que serve de anteparo contra o risco do caos e, ainda trata, da permanência da ordem e do geral como triunfos do Todo. Assim confunde-se a segurança da “riqueza individual do diferenciável”, da “plenitude dos fenômenos físicos”, do “conhecimento da heterogeneidade qualitativa dos materiais”, enfim, a segurança do vivo com a segurança do cientista, do poeta e filósofo.

Assiste-se a um processo de laicização da ciência em Humboldt pertinente à separação entre teologia e ciência no movimento da *Aufklärung*, por outro lado, verifica-se ainda na investigação cósmica da natureza certo teologismo dominante, que se desdobra na busca inclemente de Humboldt por uma “física do mundo”⁴⁴, e pela expressividade estética dos fenômenos apreciáveis numa totalização.

Subordinando aquilo que é “terreno” ao “conjunto” (*Ganzen*), e contrariando o subjetivismo comodista que parte de um ponto de vista subjetivo

⁴⁴ Em 1796, i. e., 3 anos antes da grande viagem à América, Humboldt já formulava seus termos e justificativas para a “física do mundo”. Em carta de 24 de janeiro de 1796 a um cientista suíço chamado Marc-August Pictet-Furretini, Humboldt expendia sobre seu propósito: “Foi depois de seis anos, depois da viagem que fiz à Inglaterra com George Forster, filósofo amável (...), que eu não deixei mais de me ocupar com as observações físicas. Tive a felicidade de percorrer a miúdo uma grande parte das montanhas da Europa; estudei a natureza sob os mais diversos pontos de vista; concebi a idéia de uma física do mundo; quanto mais sentia a necessidade mais eu via que poucos fundamentos foram lançados para um tão vasto edifício. Pelo mérito que ela [a física do mundo] tem de reduzir as experiências conhecidas às leis gerais, de estabelecer a harmonia entre os fenômenos que num primeiro golpe de vista parecem incompatíveis, me limitarei, portanto, a lhe comunicar os fatos que escaparam até aqui aos naturalistas. Porque de tudo o que a física nos apresenta, nada é estável e seguro como os fatos. As teorias, crianças da opinião, são variáveis como ela. As teorias são os meteoros do mundo moral, raramente benéficas e mais freqüentemente nocivas ao progresso intelectual da humanidade.” HUMBOLDT, A., 1839, vol. 1, p. 4.

do interesse humano, Humboldt postula um valor de universalidade à posição benévola de percepção para apreciar o universo. Posição tanto mais benévola quanto é precisamente em tal recurso que a noção de uma lei moral inflexível e absoluta consegue impor-se com maior facilidade. É evidente que o simples prestígio do *Standpunkt* desempenhe, nesse caso, papel decisivo, uma vez que aquela visão da Natureza, que deve ser cósmica, chega a envolver o próprio “ponto de vista subjetivo do interesse humano”. O certo é que, para Humboldt, a visão terrena não se torna sinônimo de baixaza e limitação; ela precisa triunfar como cosmovisão. Em outras palavras, a visão terrena é cosmovisão. A nova postura científica ante a Natureza faz emanar, magicamente, a ordem e a finalidade natural sobre a contingência maravilhosa e implacável de todas as coisas do universo. Nunca o comodismo, dirá Humboldt, e, sim, a generalização da vista precipitada desde a “posição de percepção” (*Standort der Wahrnehmung*) em que o cientista põe-se a apreciar a Natureza, do alto e distante para não corromper, decerto, a paisagem sempre mais idílica que a órbita da cosmovisão proporciona ver. É significativo como ainda em seu modo de ver, os naturalistas, longamente arrastados por terrenos desconhecidos, denunciam sempre aquela capacidade de observação da Natureza viva, a imaginação inquieta, a visão precisa e segura que calcula o salto do material para o intelectual, do conhecido para o desconhecido, do terrestre para os céus, etc. Que não se veja nisso algo alegorizável, pois Humboldt não trata alegoricamente o universo. Seu método de apresentação da “visão geral” é simbólico. O visualizado é um símbolo, uma representação especular da idéia abstrata de um lugar construído e reconhecido pelos homens como espelho. Porque se, de um lado, Humboldt é o autor da cosmovisão, de outro, ele só o é porque constitui o homem como parte aquiescente ao cosmo.

Uma crítica às “antigas concepções fisicalistas da humanidade” fica assim estabelecida. Mas seu prosseguimento se dá pela concatenação de novas idéias e argumentos, os quais relativizam a idéia de o céu estar a uma distância tão incomensurável da terra que nenhuma escala humana conseguiria um dia alcançá-la. Essa relativização deu lugar a uma liberação de princípios e regras outrora fixos. Disposta em grande latitude e tendo o conjunto a imperar na visualização de cenas naturais, essa liberação teve esplêndida aceitação, a ponto de fazer o céu

virar paisagem⁴⁵. De modo que quanto mais o cientista, o poeta e o filósofo partilhassem da idéia e do fascínio pela magnitude do universo, mais se aproximavam da verdade do empírico para o inteligível. Perguntemo-nos por ora: estaria Humboldt falseando a verdade do sensível a cada vez que pensa seu ato de intuição? Supondo-se que a infinitude proposta pela cosmovisão condena o interesse subjetivista, criador da falsa ascendência do finito sobre o infinito, a verdade do sensível jamais converge, em Humboldt, para “as provas que fundamentam os resultados alcançados”, senão para a enumeração do já conhecido, i. e., do já pensado ou intuído.

Daí pode-se dizer, vão sendo incorporados à história da ciência diferentes desafios, que outrora percorriam caminhos diferentes, dirigindo-se segundo perspectivas que tenderiam a divergir fortemente e a se afastarem progressivamente dessa outra espécie de ciência que está sendo proposta aqui. E, como uma invenção, surge nova a forma de aproximação com o mundo dos fenômenos. Incluindo agora, dentro do raio do atingível, o recurso à sensibilização da espacialidade mágica do cosmos, de acordo com o estímulo visual simbólico oferecido para a intuição e para o pensamento. Uma forma que, em princípio, passe por considerar paralelamente à capacidade de conhecer da razão humana, a “influência íntima” ou a confluência entre um modo (mais prazeroso) de conhecer, i. e., uma perspectiva ótica no espaço e a totalidade de fenômenos da natureza. Assim, concluímos, é perfeita a síntese poética de uma exigência especulativa sobre a Natureza: a exigência de apresentação e síntese entre o primeiro modo sensível e o modo inteligível de ver.

As duas passagens destacadas acima introduziram variáveis históricas relacionadas à percepção e à linguagem, que deram expressão à visão aproximativa do científico e do estético celebrando juntos a Natureza. A estrutura do texto do *Kosmos*, em partes simétricas, figura também tal variante histórica, por muitas razões. Primeira, certa discussão “sobre a heterogeneidade dos gozos da Natureza” (*über die Verschiedenartigkeit des Naturgenusses*) coloca em pauta uma das questões cruciais da filosofia idealista: como uma ciência, que intui sensivelmente mediante conceitos, encerra-se em um fundamento subjetivo, ligado diretamente ao sujeito? Como a falta de simetria entre os diferentes graus

⁴⁵ Sobre os diferentes modos de percepção/visualização das cenas americanas nas *Ansichten der Natur*, ver PINTO, L. R. V., 2000, p: 97-114.

de deleite da Natureza, decorrente da singularidade e interioridade particular dos indivíduos, comunica-se universalmente? Ou ainda, tem validade intelectual um conceito sobre a Natureza que a julga, sobretudo, à base de sua tradução sensível? À luz da filosofia, algumas hipóteses cosmológicas de Humboldt são fecundadas e sondadas, de modo a *imitar* a inquietude filosófica nas condições de produção das “formas de apresentação” e representação postas em jogo pelas faculdades de conhecimento da razão. É preciso, no entanto, reiterar: Humboldt se desvia o quanto pode do característico rigor filosófico alemão deste período, sustenta uma independência relativa em relação à filosofia de sua época. No entanto, é notável, para além de qualquer dúvida, que o pensamento romântico dele sobre a ciência foi determinado por tendências e continuidades sistemáticas, que, contudo, nele mesmo, alcançaram uma clareza e uma efetividade teóricas apenas parciais; ou para expressar isto de maneira mais exata e incontestável: que o pensamento dele permite-se ligar a raciocínios sistemáticos, que ele de fato permite-se inscrever num autêntico e elaborado sistema de coordenadas, que será tratado no capítulo seguinte. Para a tarefa em questão, pode certamente bastar não cobrarmos o rigor filosófico em seus trabalhos, sobretudo, porque nos arriscaríamos a perder a especificidade de suas questões.

A leitura do *Kosmos* é improdutiva se esquecermos a fundamental vontade humboldtiana de conciliar dois mundos: o mundo intelectual à volúpia material do universo físico, ou ainda, o mundo da intuição pensada ao mundo da intuição empírica. Nosso intuito é tão-somente analisá-lo mediante a interação necessária — e porque não dizer mágica — entre as coisas, os fenômenos naturais e o pensamento, a qual postula.

Outro considerável desvio da dedução rigorosa ocorre, na narrativa do *Kosmos*, quando as diversas seções e capítulos de seus cinco volumes preservam, num encadeamento inteiramente coeso, um livro sobre a Natureza que não é de toda forma óbvio. A estruturação em larga escala do *Kosmos* resulta de duas tendências divergentes, uma dividindo o texto em partes científica e literária, a outra apontando em direção à unidade e harmonia entre elas⁴⁶. Essa estruturação

É notável, tanto no *Ansichten* quanto no *Kosmos*, a preocupação de Humboldt com a forma narrativa de seus trabalhos científicos. Ele faz uso de um recurso narrativo especial: nota-se o quão extensa são as notas dos dois livros, milhares são os detalhes bibliográficos, as informações-filigranas que só interessam aos cientistas mesmo, tipo: nomes científicos de plantas e animais, tabelas com medidas de temperatura, latitude, longitude, etc, quadros analíticos e comparativos.

permaneceria incompleta face ao propósito de *Darstellung* poética dos fenômenos se não desse lugar a um recurso técnico-narrativo apto a provocar o contínuo espelhamento entre ciência e arte no *Kosmos*. Enquanto a análise da arquitetura textual move-se em direção aos detalhes e aos pressupostos legitimadores de tal espelhamento, nossa leitura irá concentrar-se nos fatores contraditórios em convergência, os quais permitem que ciência e estética cada qual se sustente em sua tênue independência na trajetória da síntese humboldtiana: a do efeito poético para a ciência.

Note-se, em resumo, e de passagem (pois não caberia aqui repetir essa discussão), que “dominar” os fenômenos através de uma “apreciação reflexiva” significa estreitar a visão subjetivista, particularmente empobrecedora no caso da riqueza e plenitude da Natureza, relativizando-a e a elevando até fazê-la apreender o conjunto maior ao qual se subordina, e no qual se espelha. Há que buscar profundidade maior na visão da Natureza. Há que se buscar na intuição sensível, cuja função é apreender dados e fenômenos de todas as classes, alcançar diretamente o “fundo do real”, o fluir mágico da vida interna, e o encadeamento de idéias nascendo daí. Esta é a condição inevitável que o “ponto de vista” (*Standpunkt*) revela para o cientista, qual uma “apresentação” (*Darstellung*) simbólica da Natureza.

O exemplo imagético exposto na primeira citação, — o espírito “atreve [ndo]-se a dominar a matéria”, objeto visível do sujeito e refletindo, numa emocional elevação à altura da cosmovisão, um sentimento sublime, em que o espírito se sente elevado ao cume espelhando a transcendência celeste em sua magnitude — é escolhido porque serve de atestado da conotação poética da visualidade expressiva inerente à pergunta sobre o cosmo. Serve de atestado também do sentido propriamente material implicado nessa autêntica escalada abstratizante do espírito. É essa “expressão imagética”, atinente ao modo de aproximação dos fenômenos e a *Darstellung* estética da ciência que provoca um tipo de afiliação semântica própria ao efeito poético. Dessa maneira, o “atreve [r]-

Há também uma enumeração exaustiva de quantas vezes determinado fenômeno foi observado, por quem, quais os resultados alcançados durante os anos que se passaram desde a primeira descoberta, etc. O primeiro prefácio ao *Kosmos*, escrito em Potsdam, em 1844, sugere explicitamente tal preocupação: “Diante da rica plenitude do material, que o espírito ordenador (*ordnende Geist*) deve dominar, é a forma de tal trabalho extremamente difícil, caso se deva porventura gozar de algum mérito literário (*literarischen Vorzugs*)”. HUMBOLDT, A., 1978, p. XXVI.

se [a] dominar a matéria” pelo alto se torna a metáfora para a emocional elevação que o espírito sente quando conhece. Metáfora que intriga e gera fecunda interrogação sobre se a fatura emocional resolve todo e qualquer antagonismo pela satisfação harmônica do sublime ou se nunca apazigua a discórdia decorrente da violação entre espírito e matéria. Como o postulado moral, por trás da ciência humboldtiana, é salvar o mundo do trágico – e seria trágica a perda definitiva do élan promovido pela visão do alto sobre a Natureza – a vasta espacialização do cosmo representa ainda a satisfação do desejo de conciliação do homem com a matéria. Por ser mágica a matéria, ela não poderá evitar seu rendimento intelectual e imaterial quando retrabalhada pela ciência humboldtiana, que a transforma em uma expressão visível de idéias, o que nos leva à seguinte pergunta: é possível uma fruição do sublime sem a experiência do trágico? Ou, em outros termos, que gênero poético de ciência é capaz de uma fruição estabilizadora do sublime? A resposta vem logo: uma ciência que elimine o trágico do sublime, o elemento desestabilizador, uma ciência que não é verdade é sentido, não é conceito é Idéia.

O domínio (do espírito humano sobre a matéria) revela a intensidade com que o modo harmônico e especular de apreensão do sensível participam nesse tipo de pergunta sobre a magnitude do universo, e a medida agora cósmica e consoladora para o espírito. Percurso de idéias todo diferente esse que viabiliza, junto a um modo mais prazeroso de conhecer, a elevação da “matéria” e a magnitude de sua cosmovisão pela apresentação cósmica. Para tanto, nada como começar com a exposição razoável e didática sobre as matérias coexistentes nas regiões do espaço celeste, mostrando ao leitor que o fato de o “espírito humano” “atreve [r]-se a dominar” tal “matéria” é tanto mais exequível, quanto mais este se penetre dessa animação arrebatadora do cosmo que faz alcançar o espírito mediante a matéria —, visto o envolvimento coeso e equilibrado do conjunto. Afinal, para Humboldt, o homem talvez esteja mais perto da inteligência na observação quando, mesmo implicando em suas percepções e linguagem um sentido primordialmente sensível e material, foge ao “perigo da plenitude empírica” e resiste ao “estilhaçamento infinito daquilo que é conhecido e reunido”. Falando em termos de uma filosofia da natureza, continua certamente essencial, para tais percepções e linguagem do “pensador”, a elevação e o prazer que promove o contato, a proximidade imediata com todos os elementos da criação orgânica e inorgânica.

Posto que segue um outro “caminho de idéias”, Humboldt substitui o estado de desunião entre as duas regiões do céu e da terra, como superior e inferior, por uma dupla e paralela direção, espacializando o olhar, para cima, e, depois, para baixo. De modo a indicar que a mudança do ponto de vista subjetivo para a cosmovisão representa não a inversão da perspectiva egocêntrica do homem mas a elevação dessa “visão” pela figuração de uma ótica geral e genérica que sabe convidar o “espírito humano” à interação, no tempo e no espaço, com todos os fenômenos físicos. Mas, antes disso, termine-se de desenvolver de que trata um ponto de vista geral expresso numa “pintura do universo” (*Weltgemälde*) e de onde ele deve começar:

Começaremos com as profundezas do universo e com a região das mais distantes nebulosas, descendo gradativamente (*stufenweise herabsteigend*) através da camada estelar (*Sternschicht*) à qual pertence o nosso sistema solar, até a esferóide terrena envolta pelo ar e banhada pelo mar, até a sua forma, temperatura e tensão magnética, até a plenitude da vida, que, incitada pela luz, se desdobra na sua superfície. Desse modo, uma pintura do universo abrange em poucos traços os imensos espaços celestes, assim como os microscópicos organismos dos reino animal e vegetal, os quais habitam as nossas estofas e cascas decompostas das rochas. Uma pintura descritiva da natureza, como nós a expomos nesses prolegômenos, não deve, porém, seguir o rastro do singular (*Einzelnen*), meramente; ela não necessita, para a sua inteireza, da enumeração de todas as formas de vida, das coisas ou processos naturais. Resistindo à tendência de estilhaçamento infinito (*endloser Zersplitterung*) daquilo que é conhecido e reunido, o pensador ordenador (*der ordnende Denker*) deve procurar fugir do perigo da plenitude empírica⁴⁷

Humboldt salta daí a outro parágrafo, em considerações sobre o “ponto de vista geral” que permite retomar o fôlego e o fascínio e considerar, com alívio, o fato de sua obra ter driblado o risco de reducionismo implicado em tal ponto de vista subjetivista sobre o cosmo. Risco, afinal, de apagamento da totalização possível do universo que perfaz a “influência íntima” entre todas as coisas; e, portanto, de apagamento da imaginativa analogia entre o mundo terrestre e a realidade celeste que — como a terra — possui suas matérias, suas diversas fases de formação gradual e positividade específica. Risco, aliás, ao qual Humboldt faz alusão nas entrelinhas quando, mais à frente, fala da impossibilidade de atribuir “o

⁴⁷ Ibid., p. 48.

mesmo grau de certeza” às pesquisas que tenham por foco um objeto tão ilimitado como a realidade que compõe os céus. Parecendo com isso asseverar que, os céus, mesmo investigados objetivamente, também se oferecem aos homens como impulso para a imaginação. A ressonância da noção de espaço infinito como extensão da realidade é sentida quando Humboldt recusa-se a abstrair das coisas reais, pois o cosmo, solicitador do imenso, reproduz um mimetismo circular em que todas as coisas são reconhecidas e reunidas por um vínculo secreto. Neste imaginário vínculo é fácil permanecer o céu como um horizonte de cuja força encantatória a própria inacessibilidade faria parte. Então temos a espacialização de um cosmo vivo para a apresentação, até o ponto de a velatura incomensurável ser alcançada.

Observações sobre as diferentes Cartas do Céu (*Lichtskarte der Sterne*) e sobre o número relativo de estrelas, isto é, sobre a raridade ou agregação em campos de visão de igual tamanho dos telescópios, levaram à admissão de uma distância desigual e de uma participação espacial nas camadas formadas por meio delas. Admissões como essas, no que devem conduzir a uma delimitação das partes isoladas da estrutura do universo, não podem, porém, fornecer o mesmo grau de certeza matemática que é alcançado em tudo o que diz respeito ao nosso sistema solar, ao anel das estrelas duplas com velocidade desigual em torno de um centro de gravidade comum, à movimentação aparente ou real de todas as constelações. Estar-se-ia inclinado a comparar a descrição física do universo, quando ela começa nas mais distantes nebulosas, com a parte mítica da história do mundo (*Weltgeschichte*). Ambas as disciplinas começam no crepúsculo (*Dämmerlichte*) dos tempos primordiais, como aquele do espaço inalcançável; e onde a realidade ameaça desaparecer, a fantasia (*Phantasie*) é estimulada duplamente – a criar a partir da própria plenitude e a dar às formas indeterminadas e mutantes contorno e duração”⁴⁸.

Ciente do limite que tal crepúsculo representava para um cientista, que não abria mão da empiria, Humboldt soube considerar, sem nenhum grau de oposição à ciência, o efeito de presença que o crepúsculo e o “espaço inalcançável” dos céus sempre produzem também sobre nossa mente. Ao invés da parte celeste da ciência do cosmo refletir a obediência única ao princípio supremo da razão, ela aqui reflete a lacuna de evidências, a ausência de “certeza” que tornam pertinente a síntese da apreensão pela “fantasia”. Curiosamente, em Humboldt, a cosmologia não forma uma teoria dos céus a propor um “remanejamento dos conceitos” de

⁴⁸ HUMBOLDT, A., 1978, vol. 1, p.13.

espaço, regiões, sistema e causalidade. A questão básica é que o *Kosmos* valida a noção de fenomenalidade e a põe em vigor junto à consideração sobre o estado empírico das coisas científicas – volume, peso, calor, etc – pois neste estado entra igualmente em jogo a relação do afetar, do encanto ou do espanto (que, sem dúvida, seria explicável mediante a simples relação de causa e efeito). Porém, Humboldt não é um empirista, tampouco é um idealista por inteiro. Ele é um híbrido; acerca a matéria para além de sua fatualidade empírica. Ele encontra em uma outra linguagem, que soa idealista, o recurso necessário para ver com os olhos da mente as matérias da vida em seu caudal. Isto representa uma proposição excelente para Humboldt, que não deixou de lado o empirismo porque a certeza do sujeito conhecedor se radica na natureza real do mundo empírico, que toca toda a consciência, de origem subjetiva, ao se defrontar com a irreducibilidade do próprio real. Por esse motivo, para Humboldt, deve fracassar qualquer conhecimento que parta, exclusivamente, das representações humanas, mesmo porque, aqui é criada uma identidade prévia entre o real e a representação do real. Portanto, tem de haver algo na percepção que não se esgota na representação. E isto é justamente o real (ou o ser?)

Humboldt pode ser acusado de um realismo ingênuo, mas o seu reconhecimento do realismo não é, todavia, de modo algum acrítico. Humboldt julga na Natureza o que há de altamente maravilhoso e de verdadeiramente admirável no caráter de dado imediato do real e na consciência imediata do empírico para a intuição interna. Está clara sua resitência ao desencantamento do mundo; no meio do conhecimento das coisas, e fenômenos naturais, existe uma crença que garante uma elevação estável para o espírito. Nem as descobertas científicas, nem as criações artísticas ou a especulação filosófica tornariam instável o relacionamento do homem com o mundo, e em decorrência do fato de que, em Humboldt, toda estabilidade suscita outra estabilidade, a ciência, a arte e a filosofia não de apresentar coincidência qualitativa entre o real e o ideal, entre o empírico e o pensamento, entre emoção e razão. Tal proposição basta para liberar o físico de todo falso escrúpulo, porque, não obstante o “brilhante tapete de estrelas e os longínquos espaços celestes pertençam a uma *Weltgemälde*, da qual nos sentimos como que alheados”⁴⁹, apresentando-nos uma “carência completa de

⁴⁹ HUMBOLDT, A., 1978, p. 50.

impressão imediata”, o espaço e a matéria deixaram de ser coisas-em-si absolutizadas e começam a ser intuídos em suas ligações recíprocas pela intervenção da mente que decide, no nível do pensamento, sobre a regularidade e a uniformidade da aparente indeterminação e desigualdade dos corpos.

A “redução” do ser das coisas à sua fenomenalidade significa também o direito de determinar se a Natureza, a necessária “totalidade do ente e do devir” os põem como internos ou externos ao mundo, ao nexu universal. E, posto que o interessante para Humboldt é a compreensão (e não o entendimento) de “todas as forças internas do universo”, é a compreensão, em última instância, de que o interno é o externo, e de que fora disso, só há, em geral, “um novo estado do existente que já é material”⁵⁰, então está dado o passo central para a filosofia humboldtiana da Natureza. Neste último ponto, saibamos, já não se exige princípios cosmológicos, em direção aos quais é impossível “deduzir as particularidades da estrutura dos céus” na série dos conceitos dos fenômenos em geral (simplesmente encarados como objetos do entendimento). Necessita-se compor um dos lados necessários do todo da ciência humboldtiana mediante o destaque do que garante o seu fundamento. Nas palavras de Humboldt isto se esclarece: “interessa menos o conhecimento do ser do que o do devir, ainda que esse devir seja apenas (pois da própria criação como uma atividade, da gênese como ‘início do ser a partir do não-ser não temos nem conceito nem experiência’) um novo estado do existente que já é material”⁵¹.

Do ponto de vista do desenvolvimento empírico da ciência humboldtiana é, seguramente, condenável incluir elementos dissonantes à prévia totalização do conjunto (lembre-se o movimento característico de especialização do olhar numa “pintura” simbólica de objetos e fenômenos naturais, finalisticamente espacializados – nos espaços infinitos dos céus, a propósito, para “uma escuridão profunda” sobre a qualidade física das estrelas, planetas, nebulosas, etc., o “corpo terrestre nos coloca em contato a proximidade imediata dos todos os elementos da criação orgânica”⁵²). Humboldt aceita ainda a existência de um ser necessário

⁵⁰ Ibid., p. 53.

⁵¹ HUMBOLDT, A., 1978, p. 53.

⁵² A passagem completa de Humboldt é a seguinte: “observou-se com finura ‘ que apesar da observação através de grandes telescópios no que diz respeito aos outros planetas – sem contar a lua, talvez – nós sabemos mais do seu interior do que de seu exterior’ . Foram pesados e mediu-se o seu volume; é conhecida a sua massa e a sua densidade, ambas com exatidão sempre crescente, graças ao progresso da astronomia de observação e de cálculo! Sobre a sua qualidade física para

apesar da adesão aos princípios modernos da experiência com sua ligação entre a imaginação e a “ideação”. A hipótese cósmica de Humboldt adquire significação e valor dentro da delimitação racional do uso empírico, em parte contra o próprio realismo empírico. Ele já asseverou: o “pensador ordenador (*ordnende Denker*) deve procurar fugir do perigo da plenitude empírica”⁵³. Seu tema cosmológico impõe à ciência a possibilidade de decidir-se transcendentemente sobre o mundo, raciocinando sobre o mundo empírico de modo transcendente; uma espécie de idealismo que se desenvolve a partir da escola kantiana. A dinâmica dessa representação cósmica recorre a um sujeito que intui o mundo, i. e., opera com as formas *a priori* da sensibilidade, aproximando-se/distanciando-se do mundo como ser do pensamento enquanto, como agente sensível, busca a concreção das coisas por uma espécie de metaespelhamento. Desta maneira, ele é sensível a intuições para as coisas em geral (sob a condição de que sejam consideradas como algo que possamos pensar e intuir como fenômeno) e o sujeito é também sensível às emanções de verdade e vida do mundo empírico.

Por mais que tenha havido admiráveis progressos nas observações com grandes telescópios e nos cálculos astronômicos àquela época, permitindo um aumento da precisão teórica e técnica, várias substâncias dos céus continuaram fadadas ao desconhecimento ou, simplesmente, ao provável. Contra o (já) conhecido que dava a Humboldt novas informações sobre as leis físicas do céu, estava o limite de nossos próprios sentidos que visualizam “aparências confusas”, aptas ao imaginoso, no lugar de fatos singulares sem sublimidade. A limitação dos sentidos em todos os aspectos torna-se atrativo à ideação (*Ahnen*) e, de preferência, à faculdade da imaginação. Quando a ausência de certeza impunha-se, o “crepúsculo incerto”, os “limites do espaço que nossas medidas deixam já de atingir”, o cientista ficava quase na pura dedução, à espera de que algo da ordem do imaginário fizesse fluir o impalpável e o intangível. Aí, o cientista atinge o clímax, o ponto mais alto em que seu espírito alcança o máximo de vigor e animação, prenunciando a manifestação exuberante de um encantamento pela formação de imagens em sua mente, qual uma cosmovisão.

uma escuridão profunda. Somente sobre o nosso corpo terrestre nos coloca em contato a proximidade imediata com todos os elementos da criação orgânica e inorgânica”. Ibid., p. 56.

⁵³ HUMBOLDT, A., 1978, p. 48.

Afinal, cumpre sabê-lo, o desenlace do impasse criado pelo estreitamento espacial da intuição é realizado pelas formas do mundo da imaginação, o que, por sua vez, cria a possibilidade de fortificar o espírito para novas conquistas. Trata-se de um recurso que introduz algo de novo ao aspecto do limite, do terreno, do sensível e do empírico aproveitando-se da mão dupla que ele abre: fornece-nos o provável – o abstracionismo ou um certo aspecto dele – como não-provado, investigando-o com uma linguagem simbólica de imagens ou com os “valores numéricos” que, aos olhos de Humboldt, constituem a “expressão mesma das leis físicas”⁵⁴. Assim, Humboldt calculava que, mesmo não saindo de um “grau de certeza matemática” apropriado à pesquisa científica, e estimulado pela fantasia, rompia com a reserva passiva da pura objetividade e envolvia a animação da natureza com o ânimo do espírito, algo da ordem do intelectual no material.

É notório o fato de Humboldt deixar de lado categorias, conceitos, unidades sistemáticas, arbitrariamente forjadas, como pressupostos indispensáveis à sua ciência da natureza. A matematização da física por Newton não tornara ainda vã a investigação sobre o fim da filosofia natural, que é a investigação empírica da natureza compreendida em um sistema. Que a física humboldtiana seja, de fato, uma ciência sempre em progresso, nunca acabada e poeticamente organizada, não subtrai em nada o valor da decisão racional. Existe, sim, um pressuposto sistemático em Humboldt vinculado à busca de um conteúdo etéreo na necessidade teleológica. Sem a validade intrínseca da idéia de sistema, sem o ponto de vista intuitivo da razão, o Ideal (leia-se Idéias da razão) não teria função positiva própria dentro do sistema. É o sistema de representação simbólica do espaço cósmico que Humboldt deseja, não o da unidade analítica dos fenômenos e sim o da compreensão pela qual o singular e o múltiplo são dados em geral, ou melhor, o singular é o geral. A unidade dessas regras de reflexão e espelhamento surge, portanto, de uma instância de unificação mais alta e mais vasta do que aquela que rege a experiência tão-somente empírica – e aí se compreende porque o limitado se identifica na sua plenitude com o ilimitado. O finito só vem à luz mediante a apresentação simbólica do infinito, mediante o vôo cósmico, *part-pris* criador da imaginação. A presença imagética do infinito expõe a matéria sensível no espaço das idéias e seu sentido é visado na imediatez do ato de simbolizar, o

⁵⁴ HUMBOLDT, A., 1978, p. 49.

infinito em ato, perfazendo o trânsito especular entre o estar-dentro e o estar-fora, fisicamente e espiritualmente, no espaço. Deste modo, uma uniformidade desejável para alguém com a índole simétrica de Humboldt, foi selada com a conclusão de que a cosmologia científica é uma consciência poética do não-sensível, cuja significação é útil, sobretudo, para a *praxis* e a vida moral.

Ora, devemos, com efeito, nos perguntar: que gênero de ciência é esse capaz de implicar uma *Darstellung* simbólica, uma *Naturgemälde*, a força criadora da imaginação, enfim? A primeira coisa que antecipa uma resposta para o que tratamos é a afiliação poética da ciência humboldtiana, já caracterizada pela emocional elevação do espírito mediante o *Standpunkt* cósmico – ótica propiciadora de o trânsito especular alma e mundo. Humboldt escreveria uma obra sobre o cosmo se acreditasse que todos se deleitariam apenas com a “enumeração” exaustiva de “todas as formas de vida”? Inventar uma poética para a ciência implica acreditar que não está perdida a fé no “encadeamento do sensível ao não-sensível” e no “alimento” oferecido ao espírito pela “completa plenitude dos materiais”. Vale observar que a base para os hábitos perceptivos, que Humboldt deseja inaugurar, reside no elo entre a natureza física e sua influência moral.

A imaginação cumpre papel especial ao lado da ciência. A primeira citação deste trabalho focaliza o sentimento de elevação do espírito em ato de conhecimento, com a significativa associação entre transcendência e imanência através da mobilidade de tal espírito ilimitado, a apontar para a sinonímia entre elevação, vitalidade e aquiescência na obra humboldtiana. Dessa perspectiva, o mundo de imagens na mente do cientista é constituído, forçosamente, pela imaginação (*Einbildungskraft*) criadora, já que não há nenhuma outra faculdade de figuração. Mas, em lugar da atividade criadora da imaginação ligar-se, em Humboldt, a uma invenção deliberada de um sujeito psicologicamente constituído e separado do objeto, seria melhor caracterizá-la pela noção de “imaginação originária”. Com isso assumimos uma passagem, criteriosamente descrita por Rubens Rodrigues Filho, da identificação para a distinção entre *Einbildungskraft* e *Bildungskraft* que, segundo ele, recoloca o problema da “operação de *Darstellung* que compete à imaginação produtiva”⁵⁵: “... produzido no afã de *pôr em cena* o supra-sensível, a originalidade da imaginação já forneceu a *Darstellung* perfeita

⁵⁵ TORRES FILHO, R. R., 1987, p. 150.

em que o ‘eu’ se *corporifica*”. Rubens Rodrigues apoia-se em Fichte para explicitar como esse “eu” se faz perceptível por suas manifestações na intuição interna: “Na medida em que deve ser figurado (*gebildet*), já está figurado, sem nenhuma ajuda de nossa sabedoria, pela própria faculdade de figuração (*Bildungskraft*) absolutamente produtiva; e essa imagem é justamente o corpo. *Este* é a alma que vocês procuram, enquanto a têm o tempo todo, isto é, o eu na intuição”⁵⁶. Ao especular sobre a percepção da intuição interna “já figurada pela própria faculdade de figuração”, Fichte evoca, segundo Rubens Rodrigues, o “verdadeiro produto da imaginação originária” que é, antes de tudo, “força plasmadora” (*Bildungskraft*) contra *Einbildungskraft* (imaginação) que sempre conserva um conteúdo exclusivamente psicológico.

A “apreciação reflexiva” no início anunciada dá curso ao “trânsito” especular, fruto requintado do romântico encontro, que faz com que o espírito justaposto à matéria nos pareça aureolado pelo mundo, seu complementar. Enredados na procura pela unidade, espírito e matéria precisariam ser vistos em perfil contra a cena do mundo e, sendo o espírito a figuração da matéria já formada, supomos a Natureza como indicação genuína do mesmo par espírito-matéria constituído pela ciência.

Como o efeito de afiliação poética da Natureza na consciência romântica é, de fato, reluzente, tem-se condição de constatar outra particularidade da ciência humboldtiana. Esta vem do fato dela incluir, dentro de seu campo de indagação, além de fenômenos particulares de “nosso sistema solar”, objetos, “teorias” que “começam no “crepúsculo” e constituem-se em intensa matéria visual-imaginativa. Apesar das ameaças que tal “crepúsculo” possam representar para um cientista, a importância do impulso à fantasia (sinônimia para imaginação aqui) marca um aproveitamento especular (leia-se verdadeiro e fiel) da forma de *Darstellung* da “pintura da natureza”. Justamente porque a frequência da imaginação decorre em Humboldt, sobretudo, de seu efeito *unificador* do incerto com a certeza, do confuso com o fixo, do singular com o todo, do próximo com o distante, etc, essa noção de atividade da imaginação vai bem em mostrá-la como “força de formação” (*Bildungskraft*) do já figurado: força criadora que perfaz e apresenta a vida interna e a “plenitude” do todo. Não é à toa que Humboldt frisa a

⁵⁶ TORRES FILHO, R. R., 1987, p. 151.

“ameaça” de desaparecimento da “realidade” como a análoga opção por seu contrário, a fantasia, e ainda como a sua fonte geradora.

Note-se o quão fundamental é a força criadora da imaginação nessa *Darstellung* estética da ciência ou, melhor dizendo, nessa prosa simbólica da ciência – perfeitamente adequada para o espelhamento do Real e do Ideal e igualmente perfeita para criar uma coincidência entre a vibração do “mundo dos fenômenos físicos” e o modo elevado do “espírito”. O “espírito” se faz perceptível na procura por um reforço das vibrações faiscantes da Natureza, qual uma caixa de ressonância que vibra ao ser atingida pela sublimidade, amplitude e plenitude das “formas de vida natural”. É insensato, pois, segundo a concepção de Humboldt, falar em um homem moderno que se empenha, individualmente, no advento de uma subjetividade separada do mundo, pois ele nunca se impõe como instância psicológica independente a tudo que se passa na Natureza. Aqui, ele troca sua autonomia em favor da criação absoluta dela e torna-se fração microcós mica do cosmo.

Porém, não tendo a imaginação independência, nem indeterminação, nem propriedades do informe, nesse seu convívio íntimo com a ciência, tão logo se explica sua tímida entrada pela simples reunião que promove, e contudo não há outro motivo para tal entrada. Humboldt queria ver o aspecto incerto das coisas, nem que fosse somente para promover seu reconhecimento como matéria estética-paisagística. Mas, sabia que para apresentar o conhecimento do cosmos, em parte ainda infinito, a imaginação tinha de enfeixar o incerto das coisas à certeza sobre elas, restaurando uma unidade que só à alma era comunicada. Mas sobrava o “crepúsculo”. A imaginação estava ali, não descolara sua formatividade e sua síntese. E constituía o único alento para o cientista que encontrava a ausência de certeza na física celeste e, com isso, experimentava ainda quase-epifanicamente os fenômenos.

Sem dúvida, o encanto nascido das formas imagéticas na apresentação estética da Natureza era feito para durar, por isso é impossível assegurar que Humboldt era um cientista *stritu sensu*. Era um homem de gênio; meio cientista, culto artisticamente, e pouco sistemático na matéria filosófica. O mesmo ocorre quando tentamos definir sua ciência. Pura, sua ciência não era. Tampouco era sistemática e separada das esferas morais e estéticas. Tratava-se de uma

consciência, profunda e verdadeira, sobre a magia secreta que envolvia tudo na Natureza.

É constante o convite da ciência à imaginação e ao apelo visual dos assuntos científicos. Esta possibilidade de o cientista unir o separável, encadear a forma de seu objeto à sensação, só à palavra é possível. A linguagem idealiza o plano da empiria, i. e., o plano da impressão imediata. E isto depende, sobretudo, do hábito perceptivo que age por trás desse universalismo científico. E a reunião de percepção e sensação, bem ao contrário de impedir o avanço do espectro transcendental, favorece-o, pois libera o pensar de injunções factualistas. Ao convite constante à imaginação pela ciência comparece também a oposição de Humboldt a toda e qualquer tendência científica que evite se misturar ao poético e ao sublime pelas idéias simbólicas da imaginação. Citemos, a título de confirmação: Humboldt acredita haver na combinação de conhecimento e “estrutura dos céus” sempre algo incerto e informe e, na combinação de imaginação e certas partes da “ciência do cosmo”, algo sempre surpreendente. Podemos colocar a necessidade por conceitos da ciência entre parêntese no que ela pensa sobre a “estrutura do céu”, ou podemos conceder que a ciência humboldtiana julgue a Natureza por meio de uma linguagem simbólica mediante a qual a idéia do que é para nós a natureza recoloca a questão do que ela é em si. Na verdade, visando a Natureza sob o aspecto de “alimento” para o espírito, Humboldt teve de determinar um tipo de linguagem apta a manifestar o efeito do mundo natural nas representações internas do homem como idêntico àquilo que é o mundo.

Tais atribuições da ciência do cosmo nunca se distanciam da euforia do poeta com uma paisagem. Junto com o poeta, o cientista desfruta também o intenso privilégio de contemplar os céus, só que no limite ou do conhecido ou do reconhecido por ele. Pois tão diversa é a experiência do poeta e a do cientista; tão coadjuvante é o espectro ideal e poético da ciência humboldtiana, que nada nos autorizaria a ligá-los a esta ou aquela tematização específica, seja este à experiência estética seja aquela à experiência do conhecimento de leis. Seria exato, para as pretensões de Humboldt, o contentar-se com a semelhante função atribuída ao poeta, cientista ou ao filósofo quando retrabalha a Natureza: pondo em cena o mundo dos fenômenos, através de linguagem simbólica, e conseguindo

mediar o senso comum e os assuntos científicos na promoção dos fins da pulsão metafísica dos indivíduos.

2.5.

Velar e desvelar o mundo

Sobre as relações entre poesia e ciência, a leitura de Humboldt parece mergulhar-nos no espírito científico de Goethe⁵⁷. O efeito prático e sensível da ciência humboldtiana deixa transparecer, depois de breve comparação, que a cultura científica de Humboldt é caudatária da reunião de poesia e ciência por Goethe. A *Doutrina das Cores* pode servir como elemento de comparação entre a forma de representação da cor em Goethe e o “tratamento” poético da ciência em Humboldt. Este certamente vê a oscilação entre a ciência e linguagem poética em concordância com seu mestre Goethe, para quem tal oscilação consiste, não em reduzir uma forma de apresentação à outra ou em deformá-las, mas, sobretudo, em

⁵⁷ Segundo o maior estudo biográfico sobre Humboldt, editado por Karl Bruhns, o encontro de Goethe e os irmãos Humboldt foi deveras fecundo porque o poeta, desde muito cedo, desenvolveu através da poesia um “intenso amor pela natureza” e por suas leis gerais. Várias são as passagens em que Goethe se refere à “virada” em seu pensamento, depois da recepção dos assuntos científicos em Jena, a partir do ano de 1795: “A longa expectativa em relação à chegada de Humboldt em Bayreuth foi o sinal que impulsionou nossos pensamentos de modo exclusivo para a ciência. Seu irmão mais velho, também em Jena, que manifestava um vivo interesse por quase todos os campos de saber, levou a essas investigações seus conselhos e assistência prática”. J. Löwenberg observa, conforme vem descrito em algumas cartas de Goethe, que, em torno dos irmãos Humboldt, constitui-se um “desvio” em Goethe, central para o espírito científico e filosófico que cercava cada aspecto da natureza àquela época. Em 1795, Goethe escreve: “A partir do vinda dos dois irmãos Von Humboldt em Jena, já no final do ano, fui inteiramente desviado da arte criativa da poesia, e trazido de volta ao estudo da natureza. Justamente neste momento, os dois despertaram grande interesse pela atividade científica e no intercurso de nossa conversação não pôde me restringir a comunicar minhas idéias sobre a anatomia comparada e sua organização sistemática”.

É também a propósito desse “desvio”, impulsionado pelos irmãos Humboldt, que Goethe mais uma vez cita a reconciliação de seu pensamento poético com as questões científicas. Em uma carta a Schiller em Abril de 1797, logo depois de uma visita de Alexander von Humboldt a Weimar, Goethe lhe relata: “Durante a visita de Humboldt, meu tempo foi gasto útil e agradavelmente; sua presença teve o efeito de tirar meu gosto pela ciência natural de seu sono invernal” O que mais nos importa, aqui, destacar é: na gênese dessa recíproca atração entre Goethe e os irmãos Humboldt está presente a peculiar relação da poesia com a ciência. O que propicia, a nosso ver, a corroboração de uma índole poética para o conhecimento do cosmo que a ciência humboldtiana procurará desenvolver. BRUHNS, K., *Life of Alexander von Humboldt*, vol. 1, p. 162 passim.

se refletir sobre o fato exclusivo da linguagem. Embora tenhamos reservado para um momento ulterior a análise sobre a relevância da linguagem e seu dúbio registro nas obras aqui focalizadas, venhamos ao parágrafo 751 da *Doutrina* e ao item “Considerações Finais sobre a Linguagem e Terminologia”:

Jamais se reflete o bastante sobre o fato de que a linguagem é propriamente apenas simbólica, figurada, e de que jamais exprime diretamente os objetos, mas somente por reflexos. Tal é especialmente o caso quando se trata de seres que apenas se aproximam da experiência e que podem ser chamados antes atividades que objetos, estando no reino da doutrina da natureza em contínuo movimento. Não podem ser fixados, embora devam ser descritos; é por isso se tentam todos os tipos de fórmulas, para se aproximar deles ao menos alegoricamente⁵⁸.

Sem o entendimento acerca da linguagem propriamente simbólica da “atividade” da cor por Goethe e de seu efeito, ficariam menos instigantes nossas considerações sobre o modo poético de encarar a legislação do universo. A preocupação para com o fato da linguagem reintroduz uma das figuras protagonistas desse contexto poético da ciência, de tal maneira que o estado original do fenômeno foi sendo reorientado em direção à perspectiva do efeito visual da imaginação, que rastreia o sensível mediante a expressão de idéias, ou melhor, espelha o sensível na idéia. O sentido particular da linguagem das cores como linguagem simbólica, é uma provável inspiração para Humboldt. Especialmente se lembrarmos das definições kantianas sobre o ato de simbolizar presentes na *Faculdade do Juízo*.

Como vimos acima, algo se comunica à mente do cientista quando desaparece a evidência junto à ciência, abrindo espaço para que compreenda em seu campo de objetos, não só os fatos puramente sensíveis e visualizáveis, mas as idéias que constituem o reflexo dos fenômenos no espírito humano.

Perguntemo-nos detidamente: que algo é esse que se *comunica* à mente do cientista? E, a propósito, há um modo específico de captá-lo? A relação obsessiva de Humboldt com a representação e a apresentação do conhecimento, exposta no campo de sua investigação científica, reflete-se, de saída, na escolha de “expressão imagética” para caracterizar um olhar de determinado lugar. Recurso

⁵⁸ GOETHE, J. W., 1996, p. 125.

um tanto sensível para provocar um virtual encantamento da alma! Tal lugar, como meio simbólico de comunicação, proporciona experiências físicas que pouco a pouco ocupam o lugar dos fenômenos e da natureza. Acreditamos que a afinidade de Humboldt com as imagens, inclusive pelo uso de ilustrações pictóricas, irmana-o à arte por expressarem ambos um universo de acordo com a “coesão e sustento interno” (*inneren Zusammenhang*) dos fenômenos. A matéria científica terá lhe parecido, sozinha, demasiada crua, uma “simples justaposição sinóptica” (*eine blosse tabellarische Aneinanderreihung*) de fenômenos. Somente a “unidade da intuição” (*Einheit der Anschauung*), através de uma “apresentação cósmica” (*kosmischen Darstellung*) incluindo a “vista da natureza” (*der Anblick der Natur*), “um cuidadoso estudo de seus produtos e forças” (*ein sorgfätiges Studium der Gebilde und Kräfte*) e a “viva impressão sob o conjunto” (*der lebendige Eindruck eines Naturganzen*) restituem a confiança da ciência nas representações mentais do homem junto ao empírico.

Através dessa “apresentação cósmica” somos informados que Humboldt desenvolve — juntamente com o estudo sobre as leis naturais — o interesse pela visualidade do conjunto e pela impressão do todo da natureza. Isso significa que ele absorveu não só a imagem, mas o tipo de lastro proporcionado à imagem tanto pela imediatez da visualidade como pela fluidez da intuição do todo mediante o sensível, no qual — afastando-se da perspectiva empirista — todos os elementos articulados internamente refletem a atmosfera de contínua unidade em que os diversos produtos e forças da natureza fluem e se movimentam. Para especificar melhor esse conceito, pelo modo fundamental, de “apresentação” (*Darstellung*) simbólica, é necessário referir: o apresentar é concomitante à percepção, e ao conhecimento.

Antes de seguirmos adiante, recordemos aquilo que expusemos no início deste capítulo. O ponto de vista geral, sob o qual nos debruçamos anteriormente, exigia um deter-se sobre a vasta visualidade do conjunto das duas esferas, a celeste e a terrestre, e isto só seria possível se o espírito humano, em seu modo reflexivo, ousasse compenetrar-se da matéria, relativizando seu ensimesmamento em favor da elevação da matéria ao nível abstratizante do espírito. Pois bem, desta reunião sobreposta à exclusividade de um ponto de vista específico, nasce a importante idéia da analogia e do “concatenação” (*Verkettung*) dos fenômenos de acordo com sua “conexão interna” (*inneren Zusammenhang*). Ora, a percepção

ligada a essa “apresentação cósmica” quisera reunir também, ao apego particular pela diversidade dos fenômenos físicos, o efeito *unificador* da imaginação, comunicando à mente do cientista fatos, idéias, sentimentos e impressões. Esta é a explicação para a freqüência do conjunto e de sua coesão, e de seu aspecto genérico também (que antes caracteriza todas as formações naturais e, depois, se reflete no espírito humano). Ao tentar estreitar a aproximação entre o efeito da imaginação e a ciência, baseando-se na constância de ambos quanto à apresentação e representação do conhecimento, Humboldt estabeleceu assimilação coesa fatalmente embutida neste íntimo relacionamento. É de certa ascendência do científico sobre a imaginação que estamos falando, quanto a traduzibilidade do todo. Ascendência que, no entanto, pressupõe uma relação de complementariedade, e de jugo também. Daí a pontualidade com que, no tocante ao uso da forma literária para representação da matéria científica, buscaremos nos pautar nos próximos itens. A referência à “representação cósmica” decorre da “unidade da contemplação” contra a “simples justaposição” de fenômenos, com fortes passagens evocadoras do sentido de coesão extra-sensível do conjunto dos fenômenos e da própria observação:

Essa unidade da contemplação (*Diese Einheit der Anschauung*) de antemão estabelece um encadeamento dos fenômenos (*Verkettung der Erscheinungen*) de acordo com a conexão interna entre eles. Uma simples justaposição (*Eine blosse tabellarische Aneinanderreihung*) não satisfaria a finalidade (*Zweck*) a qual me propus; ela não satisfaria a necessidade (*das Bedürfnis*) de uma apresentação cósmica (*einer kosmischen Darstellung*) que a vista da natureza (*der Anblick der Natur*), o cuidadoso estudo dos produtos e das forças (*ein sorgfätiges Studium der Gebilde und Kräfte*), a viva impressão sob o conjunto da natureza (*Naturganzen*) tinham feito suscitar em mim nas minhas viagens pela terra e pelo mar e por todas as regiões da terra as mais diversas⁵⁹.

Além da imensidão e grandeza cósmica dos céus, a certeza da conexão interna entre todas as coisas do universo permite uma *Darstellung* cósmica — fora do combate céu X terra — envolvendo, de forma reflexa, a vida aparente e a oculta analogia entre os grandes fenômenos celestes e aqueles da vida orgânica terrestre. Tornando, com efeito, o conjunto entre céu e terra imprescindível à

⁵⁹ HUMBOLDT, A., 1978, p. 61.

viabilização da sua concepção de ciência física, pela satisfação de apresentar as “forças geradoras” como um “fato real” que se “desenvolve efetivamente” a nossos olhos tanto nas regiões celestes como nas regiões terrestres nas diversas fases de suas vidas. Discriminando as “forças geradoras como um fato real, o devir em vez do ser, em detrimento da essência dos seres, Humboldt deixa já sinalizado o recorte direto sempre intuitivo de sua ciência: “o que deve cativar, no estudo da vida e das forças que animam o universo, é bem menos o conhecimento dos seres em sua essência de que o conhecimento da lei de seu desenvolvimento, i. e., a sucessão das formas que eles fazem conhecer; porque do ato mesmo da criação, de uma origem das coisas considerada como a transição do nada ao ser, nem a experiência nem o raciocínio não saberiam nos dar a idéia”.

Uma concepção científica, uma contemplação inteligente e ideal do cosmos, para a qual compete determinada capacidade de abstração e imaginação⁶⁰. Surpreende como a importância de seu desempenho junto ao olho parece simbolicamente apontar a intensidade com que participarão os céus conjuntamente com a terra em detrimento do privilégio do ponto de vista terrestre onde se situam nossos sentidos. Que o olho é o órgão de intuição do universo, logo o demonstrará Humboldt no próximo trecho, quando o define como órgão responsável pelo domínio da “existência da matéria”. Então, sendo através do olho que se anuncia a existência do mundo (leia-se, como o lugar da matéria), a matéria deve ser investigada via experiência da visão fisiológica ou psicológica ou ambas conjuntamente? Não nos precipitemos em responder. Em princípio, consideremos a importância do desempenho da ciência física junto ao olho e com que simplicidade o cientista já acostumado à forma de conhecimento da física do universo a descreve:

⁶⁰ É interessante aludir às matérias que compõem o primeiro volume do *Kosmos* para ver, sobretudo, como o tratamento literário faz da leitura desse primeiro volume algo aprazível: o céu (nebulosas, estrelas, sistemas estelares, planetas, satélites, cometas, o sol, movimento das estrelas, distância/massas e diâmetros aparentes das estrelas, aspectos variável do céu estrelado, propagação sucessiva da luz) e tudo que compõe a terra (figura da terra, densidade da terra, magnetismo terrestre, vulcões, terremotos, descrição geológica do globo, paleontologia, geografia física, o oceano, pressão atmosférica, condições climáticas e etc). O próprio Humboldt é quem nos chama a atenção para a importância desse primeiro volume: “O primeiro volume de meu trabalho contém já o que considero o mais importante e o mais essencial do conjunto das minhas iniciativas, *Considerações preliminares sobre a heterogeneidade do ozo da natureza e uma fundamentação científica das leis do mundo; Limite e tratamento científico da descrição física do mundo*; “uma pintura geral da natureza como visão geral dos fenômenos” no *Cosmo*. Nele, a pintura geral da natureza desce das mais remotas manchas nebulosas e da gravitação em torno das estrelas duplas das regiões do espaço até os fenômenos telúricos da geografia dos organismos (plantas, animais, raças de homens)”. HUMBOLDT, A., 1978, p. XXVIII.

Através dos órgãos, o homem absorve o mundo externo. Os fenômenos luminosos nos anunciam a existência (*Das Dasein*) da matéria nos mais distantes espaços celestes. O olho é o órgão da intuição do mundo/cosmovisão (*Weltanschauung*). A invenção do olhar telescópico proporcionou há três séculos e meio às gerações mais novas um poder cujo limite ainda não foi alcançado. A primeira e mais geral apreciação (*Die erste und allgemeine Betrachtung*) no cosmo é a do conteúdo do mundo dos espaços celestes (*Welträume*), a apreciação da divisão da matéria, do que foi criado (*Das Geschaffene*), como usualmente se costuma chamar o ser e devir. Nós vemos a matéria ora girando e gravitando em torno de planetas de densidade e grandeza muito diferentes, ora, radiante, dispersa, na forma de vapor cósmico separado em determinadas formas, então o próprio aparece compreendido como constante na transformação de seu estado de agregação. Ele surge aparentemente em pequenas dimensões como fatia elíptica, sozinho ou em par, às vezes ligado por meio de um raio de luz; em diâmetro maior, ele é multiforme, comprido, ou entendido em muitos ramos, como leque ou anel nitidamente limitado, com um interior escuro. Acredita-se que essa nebulosa é submetida a processo de configuração múltiplos e progressivos, dependendo se neles o vapor cósmico se condensa em torno de um ou mais núcleos segundo as leis da atração. Quase 3500 nebulosas indissolúveis, nas quais os mais potentes telescópios não distinguem estrelas, já foram enumeradas e determinou-se seu lugar no espaço⁶¹.

Quando Humboldt fala do olho menciona, em seguida, o fenômeno da luz. A luz, segundo Humboldt, nos dá indicação sobre a “existência da matéria (*Dasein der Materie*)”, i. e., o mundo físico constitui o reflexo do efeito da luz. O efeito da luz anuncia algo; não a essência da matéria, senão sua imagem, como ela aparece sob nossos olhos e nos é revelada imediatamente pela intuição. Revelação, diga-se de passagem, que representa um vital e quase instantâneo acesso ao insondável. Ora, o efeito pressupõe uma ação capaz de prolongar-se em sua atividade até que outra força lhe contrarie o sentido. Talvez a principal função da luz decorra de sua atividade em promover, aos olhos do homem, a “existência da matéria” e refletir, em seu tempo, a fugacidade dessa existência. Tal função ainda é acentuada pelo próprio traço de univocidade do olho, trazido pela luz, que expõe o conceito de mundo dos fenômenos na intuição da matéria. É por isso que a “intuição do mundo (*Weltanschauung*)” pelo olho pertence a outro fluxo, ao fluxo do pensamento, da idealidade abstrata que, mesmo estática, absorve a coerência intuitiva da matéria. Trata-se, portanto, de intuir o mundo, porém conscientemente. Assim a totalidade do mundo deve sua existência ao olho, e,

⁶¹ HUMBOLDT, A., 1978, p. 52 e53.

através dele, anuncia-se um conhecimento possível capaz de refletir o mundo visível agora composto de intuições pensadas e ideais sobre o mundo real.

Após breve interpretação do caráter solar do olho, deixemos Goethe mais uma vez nos desviar de nosso compromisso prioritário com a construção poética do conhecimento da natureza em Humboldt — através de uma *Darstellung* estética. Consta, logo no prefácio a *Farbenlehre*, uma passagem tão eloquente que poderíamos pensar Humboldt novamente numa perspectiva goethiana. O lastro simbólico da luz, bastante manejado através da visão mais direta, abrevia muito logicamente o hiato de um contexto poético específico e a ciência. Leia-se Goethe: “o olho deve sua existência à luz. De órgãos animais a ela indiferentes, a luz produz um órgão que se torna seu semelhante. Assim o olho se forma na luz e para a luz, a fim de que a luz interna venha ao encontro da luz externa”⁶². Ora o que Goethe sabe e seu interlocutor não é perceber os fenômenos luminosos como externos a nós, torná-los objetos não refletidos no espírito humano e perceptíveis talvez somente em sua manifestação (quase) apenas espiritual. O recorte de outra passagem, a propósito, um poema, parece-nos instigante: “Ao tratar da natureza,/ O Um deve sempre ser considerado como o todo,/ Nada é interno, nada é exterior,/ Pois o que está dentro está fora”⁶³.

Surgem então esses versos, subentendendo que velar o sentido direto do “Um” é entricheirar o singular com uma representação exclusivamente totalizante das coisas —; ainda que encoberto, o singular continua existindo, só que de modo não-ostensivo. Podemos, decerto, considerar que estamos frente à identidade total entre “Um” e “Todo”, na dinâmica e significativa mudança de paradigma que a poesia lança em volta da ciência. Goethe, certamente, é o soberbo representante desse paradigma. Tal mudança produziu, contudo um pensamento indissociável dos fenômenos, refletindo a plena acolhida da experiência vazada, sobretudo em cores, paixão e ação que não necessitam ser postas, pois “o que está dentro está fora”.

Entretanto, há uma diferença crucial em relação ao conhecimento em Humboldt: embora a Natureza, para Humboldt, seja reflexo da representação humana — e esse reflexo, ao invés de prerrogativa humana, toma a Natureza como paradigma, referência total; permitindo, por exemplo, supor que “o que se

⁶² GOETHE, J. W., 1996, p. 44.

⁶³ Ibid. p. 30.

funde no sentimento, sem esboços e perfumado como o ar da montanha, pode ser concebido pela razão meditativa (*grübelnde Vernunft*)⁶⁴ — há também uma preocupação caracteristicamente humboldtiana quanto ao sensível, mas no que tange à sua materialidade. Determinações materiais como o lugar, o ponto geográfico, o sítio romântico, a paisagem, o *Standpunkt* de onde se avista o conjunto celeste e terrestre, modifica — e compromete —, o cerne do pensamento, suas ramificações e modulações.

Ver, conhecer, pensar e reconhecer de modo mais integrado é o que nos propicia perguntar: sob que espécie de razão as coisas são conhecidas e/ou reconhecidas? Ver é, contudo, pensar, ou, é uma espécie de pensamento que não precisa pensar, apenas agir? Vamos, por enquanto, deixar de lado essas questões — tocadas com expectativa e ânsia de respostas —, para concluir essa aproximação Humboldt-Goethe. A inoculação, em Humboldt, das condições concretas desse geral e elevado ponto espacializado da visão — ponto a partir do qual a memória visual guarda um recurso material imprescindível à forma aqui definida de dominação do objeto — é complementada com a apresentação clara e objetivamente viva da ciência que permite compreender e limitar, com alguma margem de segurança, o singular, o precário, a parcialidade, (como pertencentes a uma unidade, maior e velada, ligando todas as coisas a si mesmas e ao homem).

Em nossa indagação sobre o poético conhecimento humboldtiano, aparecem bastante curiosas, a Humboldt, as elaborações de Goethe acerca do fenômeno da cor. A presença do apelo visual no campo científico, como significativa exposição do conceito na representação intuitiva, reitera a associação necessária da intuição empírica à intuição intelectual para chegarmos a conhecer algo. Aliando sua ciência ao poético, Humboldt promove um recorte incomum do científico e da representação do conhecimento, segundo o qual só a cósmica percepção da Natureza é real e o mundo é um conjunto de aparições e emanações dela. Com essas considerações, garante-se a permanência em Humboldt do primado do sentido da visão, como o autêntico sentido do conhecimento. A procura pela matéria nas profundezas do espaço celeste deixa em turbulência a imediata e terrena realidade visível acrescentando-lhe outra dimensão. O real não é só

⁶⁴ HUMBOLDT, A., 1978, p. 8.

aparência, ele é o invisível ou o velado que, sob a forma simbólica, se faz visível, se desvela.

Humboldt aborda o olho, órgão da intuição do universo, a propósito da tradicional polarização da aparência e do velamento, para nos advertir o quão paradoxal é a construção do processo de conhecimento e reconhecimento da ciência no século XIX – por certo, o limite ótico para o conhecimento não descarta o reconhecimento de uma realidade outra, além da aparência. Caberia à ciência e a seu pendor visual propiciar as condições de conhecimento e realidade. Realidade que, com seu alto grau simbólico, sinaliza a existência viva cujo radical conhecimento engendra a sua percepção. Embora o conhecimento e o reconhecimento da realidade nos sejam revelados somente através do olho, a existência da matéria nas profundezas do céu gera assim, por extensão, a subliminar e paradoxal desnaturalização da visão. Pois o cientista mais tecnicamente amparado pode ligar-se à solidão ontológica da matéria e realidade celestes, seja produzindo conhecimento científico sobre elas, seja promovendo-as à realidade estética, convertendo-as em imagens de paisagem a serem contempladas. Note-se ainda que, a visão, nexu genuíno do sensível-empírico e do inteligível na ciência do cosmo, não compreende apenas o sentido da visão cósmica, raramente visível ao habitante da terra — mesmo por causa de seu distanciamento — mas tudo aquilo que nasce do encanto poético e do mistério em volta da Natureza telúrica.

A importância da frequência da harmonia do conjunto ao longo das proposições humboldtianas sobre o cosmo, decorre, sobretudo, de seu efeito unificador contra a tendência fragmentadora da visão; e seus objetos celestes são mais de que apenas estrelas, asteróides, planetas e nebulosas, infinitude, luminosidade celestial, transparência da atmosfera e formas simbólicas de representação do mundo celeste — elementos menos restritos à ciência. E em seu trabalho, o espetáculo de estrelas, estrelas cadentes, a natureza celeste, o relevo, as montanhas, os vulcões, comparecem em peso retrabalhados sob o olhar estetizante da cosmovisão. É marcante o aproveitamento pictórico dos céus, suas variadíssimas constituições cósmicas e da crosta terrestre, convertidos no *Kosmos* em paisagem. Uma descrição das múltiplas matérias comunicantes da vida, e o que há de mais brilhante na apresentação desse nexu universal é que boa parte dos

fenômenos físicos do Universo, cujas relações costumavam ser enumerada entre as mais profundamente ocultas e incognoscíveis, destaca-se, nesta descrição, com a simplicidade e a segurança da impressão imediata da vida orgânica. É sob esse ponto de vista que se capta a conexão geral, necessidade ainda presente à época de Humboldt para as ciências recém-emergentes. Em poucas palavras, expõe-se nessa descrição o objeto da ciência humboldtiana que se constituem em sua forma:

A crosta terrestre abalada desde baixo, ora elevada por intervalos e repentinamente, ora de modo ininterrupto e por isso perceptível, modifica no curso dos séculos a relação de altura do firmamento para com a superfície do que é líquido, modifica até a configuração do próprio fundo do mar. Formam-se simultaneamente fendas temporárias ou aberturas permanentes, através das quais o interior da Terra invade a atmosfera (*Luftkreis*). Saídas das profundezas desconhecidas, massas fundidas fluem em torrentes estreitas, subindo ao longo das encostas das montanhas, movidas ora impetuosa, ora lenta e suavemente, até que a fonte de fogo da Terra se esgota e a lava, sob um manto formado por ela para si mesma, e expelindo vapores, coagula. Novas massas rochosas nascem então sob nossos olhos, enquanto as mais antigas, já formadas, são transformadas por meio de forças plutônicas, mais raramente por contato direto, mais frequentemente por proximidade (*Nähe*) irradiadora de calor. Também aí, onde não há compenetração, as partículas cristalinas são empurradas e ligadas a um tecido mais denso. Formações da natureza muito diversas apresentam as águas: concreções de restos de bichos e plantas, de sedimentos terrosos, calcários e argilosos, agregados de tipos de relevo finamente triturados, cobertos com camadas de infusórios de couraça siliciosa e com estratos de desposos fossilizados (*knochenhaltigem Schuttland*), o lugar das formas antediluvianas. O que se gera dos mais diferentes modos sob os nossos olhos e é formado em camadas, o que é derrubado, entortado ou endireitado leva o observador reflexivo, dedicado à analogia simples, à comparação da época presente com a época há muito passada. Por meio de combinação dos fenômenos reais, por meio do aumento das relações espaciais, assim como da massa de forças efetivas chegamos ao reino da geognosia, reino há muito almejado, obscuramente pressentido, estabelecido, porém, há apenas meio século⁶⁵.

⁶⁵ HUMBOLDT, A., 1978, p. 54 passim.